

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Adeildo Gomes da Silva

A prática do karatê e suas contribuições na formação dos alunos do 3º
Ano de uma escola pública do município de Garanhuns

Garanhuns

2019

Adeildo Gomes da Silva

A prática do karatê e suas contribuições na formação dos alunos do 3º
Ano de uma escola pública do município de Garanhuns

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal do Rural de
Pernambuco como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia. Orientadora:

Prof.^a Ms^a, Catarina Souza

Garanhuns

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D111p da Silva, Adeildo Gomes

A prática do karatê e suas contribuições na formação dos alunos do 3º Ano de uma escola pública do município de Garanhuns / Adeildo Gomes da Silva. - 2019.
73 f.

Orientadora: Catarina da Silva Souza.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Garanhuns, 2019.

1. Formação humana. 2. Karatê. 3. Educação. I. Souza, Catarina da Silva, orient. II. Título
CDD 370

Adeildo Gomes da Silva

A prática do karatê e suas contribuições na formação dos alunos do 3º
Ano de uma escola pública do município de Garanhuns

Trabalho de conclusão de curso de
graduação apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal Rural de Pernambuco como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Anderson Alencar – UFRPE/UAG

Profª Drª Viviane Sarmiento – UFRPE/UAG

Profª Msª Catarina Souza – UFRPE/UAG (orientadora)

Dedico este trabalho as minhas filhas que são meu porto seguro e minha maior fonte de inspiração e perseverança, na qual me sinto honrado em aprender diariamente com elas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Todo Poderoso por ter me concedido a oportunidade de cursar o tão sonhado curso de Licenciatura em Pedagogia.

As minhas filhas, por ser meu refúgio diante de dias de batalhas, companheiras e conselheiras para todos os momentos.

Aos meus pais, Ademar Gomes da Silva (in memoriam) e Jucineide Silvestre da Silva Gomes, por terem me educado pra vida e nunca desistirem de meus sonhos.

Aos meus amigos de treino que sempre acreditaram em meu potencial e foram incentivadores da pesquisa.

Aos meus amigos de turma em especial minha amiga Pera Lúcia que me ajudou a construir as ideias do trabalho e me apoiou nas pesquisas de campo.

A minha orientadora Prof^a M^a Catarina Souza, por confiar em minha pessoa em todos os momentos e permitir que este trabalho fosse realizado.

A Todos os professores do curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG que contribuíram para minha formação e ampliaram as visões de mundo enquanto pedagogo e cidadão.

Aos amigos que sempre torceram por meu sucesso na conclusão deste curso.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral compreender as contribuições da prática do Karatê para os alunos do terceiro ano de uma escola do município de Garanhuns, e como objetivos específicos: discutir sobre a importância da prática do Karatê no ambiente escolar; identificar as contribuições formativas vivenciadas nas aulas de karatê, e desenvolver atividades pedagógicas que fomentem nos educandos o comprometimento com a disciplina e respeito na comunidade escolar na qual estão inseridos. Levantamos a seguinte questão: como utilizar o karatê no processo de aprendizagem dos educandos nos anos iniciais do ensino fundamental? Com a pesquisa percebemos que a Educação se manifesta de diferentes formas e o karatê contribuiu na consolidação do tipo de aprendizagem que a escola (local da intervenção) acredita. As atividades proporcionaram maior interação entre participantes, como também permitiram a autorreflexão sobre condutas, individuais e coletivas, que colaboraram na consolidação de conteúdos ocasionando uma aproximação das turmas envolvidas. O tipo de pesquisa escolhida (pesquisa-ação) permitiu o contato mais próximo e um envolvimento que tinha como característica o planejamento diário de como atuar perante os novos desafios presenciados na execução das aulas. Através das análises, observamos que o karatê pode contribuir no processo formativo, para isso é necessário trabalhar os princípios que permeiam sua essência: o respeito e a disciplina, elementos importantes para conseguir alcançar objetivos de uma comunidade escolar comprometida com aprendizagem.

Palavras Chaves: Formação humana; Karatê; Educação.

ABSTRACT

The objective of this work was to understand the contributions of the Karate practice to the third year students of a school in the municipality of Garanhuns, and as specific objectives: to discuss about the importance of Karate practice in the school environment; identify the formative contributions experienced in karate classes, and develop pedagogical activities that foster in students the commitment to discipline and respect in the school community in which they are inserted. We raise the following question: how to use karate in the learning process of learners in the initial years of elementary school? With the research we realize that Education manifests itself in different ways and karate has contributed to the consolidation of the type of learning that the school (place of intervention) believes. The activities provided greater interaction among participants, but also allowed for self-reflection on individual and collective behaviors, which collaborated in the consolidation of contents, bringing about an approximation of the classes involved. The type of research chosen (research-action) allowed the closest contact and an involvement that had as a characteristic the daily planning of how to act before the new challenges witnessed in the execution of the classes. Through the analyzes, we observed that karate can contribute to the formative process, for this it is necessary

to work the principles that permeate its essence: respect and discipline, important elements to achieve the goals of a school community committed to learning.

Key words: Human formation; Karate; Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 KARATÊ: a origem até os dias atuais	13
2.1 O surgimento da arte	13
2.2 O Karatê no Brasil	19
3 PROCESSO CIVILIZADOR: o controle das emoções e da violência	21
4 O KARATÊ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: perspectivas sobre a educação	30
4.1 Discutindo saberes e práticas educacionais	34
5 METODOLOGIA	39
6 KARATÊ E EDUCAÇÃO: respeito acima de tudo	42
6.1 As vivências do projeto	43
6.2 Entrevista com as professoras	56
6.2.1 Conhecimento prévio e perspectiva do projeto.....	57
6.2.2 Avanços observados com a prática do karatê	58
6.2.3 Observações finais	60
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	67
ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

O karatê é uma arte marcial desenvolvida ao Sul do Japão, na Ilha de Okinawa, por Gichin Funakoshi, e possui cinco lemas principais: “fidelidade para o verdadeiro caminho da razão, esforçar-se para formação do caráter, criar um intuito de esforço, respeito acima de tudo e conter o espírito de agressão” (SASAKI, 1995, p. 17). Com base neles, são desenvolvidas todas as atividades pelas quais são incentivadas as boas condutas de seus praticantes, tendo “a noção de que um Caminho Marcial é, antes de tudo, um estilo de vida, e não significa apenas a aquisição de conhecimento de técnicas de defesa pessoal” (BULL, 2014, p8). Caracteriza-se por ser um modo de vida pautado na boa conduta necessária para se viver em sociedade.

A pedagogia em sua etimologia significa “aquele que conduz o infante”, cuja origem vem do grego paidagogós (paidos= criança/infante e gogós= conduzir/levar), em uma abordagem mais moderna o Dicionário Aurélio (1999) define a Pedagogia como “teoria e ciência da educação e do ensino”. Por trazer uma definição ampla que deve nortear o saber, carrega consigo responsabilidades diversas. Assim, a prática de um esporte pode assumir uma postura didática/ pedagógica que vai além de saberes técnicos, pode ser em si uma prática educativa, na amplitude de possibilidades que a modalidade emprega.

Nesse sentido, a pedagogia pode e deve ser trabalhada em conjunto com as demais áreas do conhecimento e a Educação Física é “[...] uma área que trata de um tipo de conhecimento, denominado de Cultura Corporal de movimento e que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, a dança, a capoeira e outras temáticas” (BRASIL, 1998, p. 26, grifo nosso).

Partindo desse pressuposto faz-se necessário entender que a construção do conhecimento é uma atividade mediada culturalmente, pela incorporação de símbolos e signos com significação cultural, o que inclui também o lutar (MAURI, 2001 apud DARIDO, 2015). Nesse processo a função da escola não é formar atletas, muito menos lutadores ou competidores, deve-se prezar, a princípio, pela formação do cidadão que vai se apropriar da cultura corporal em suas diferentes formas de manifestação, sendo as lutas uma dessas manifestações, com objetivo de

formar pessoas éticas e autônomas (BRASIL, 1998), responsáveis pela (trans)formação do saber que norteia a comunidade.

O karatê por sua vez “[...] é um esporte essencialmente pacífico e sua finalidade é a defesa, não o ataque, por isso mesmo, longe de predispor para a violência, cultiva a cortesia, a boa educação e o respeito ao semelhante [...]” (DUNCAN, 1985, p.144). Por esse motivo dialoga com propostas educacionais que cooperam para o desenvolvimento didático metodológico das atividades vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar.

Conforme consta em pesquisa (ACÁCIO, 2011) o karatê contribui na disciplina e organização das atividades do dia a dia, como também, incentiva a participação nos afazeres escolares, sendo os praticantes indivíduos ativos e que cooperam entre si para atingirem seus objetivos. Por esse motivo, o karatê pode ser implantado em escolas como objeto de transformação social, aliado com a Educação Física escolar, pois “[...] a educação física não pode centrar seus objetivos no domínio das técnicas de execução das diferentes atividades corporais sem promover a leitura das visões de mundo transmitidas socialmente por elas” (ESCOBAR, 1997, p. 149), e as noções do que fazer são ampliadas a partir do momento que se tem contato com práticas cooperativas que estimulam o pensar.

A justificativa para o ensino do karatê vem do argumento que “a prática do karatê tem por objetivo o desenvolvimento humanizante biopsicossocial [...]” (TRAMONTIN; PERES, 2008, p. 9), assim, a prática de karatê contribui na política de inclusão social, valorização e fortalecimento da comunidade local, pois atua como mais um objeto de transformação social e valorização da cultura, criando uma identidade própria que auxilia na construção de saberes e práticas.

Com relação à forma como deveríamos trabalhar os conteúdos, optamos por colocar em prática a interdisciplinaridade. De acordo com Fazenda (2008, p. 17) interdisciplinaridade deve ser vista “como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores”, é também a forma de modificar e compreender o mundo, considerando-se que esse mundo se apresenta de múltiplas e variadas formas (FAZENDA, 1996), reconhecendo que as vivências daquele lugar poderiam fazer

uso do karatê para auxiliar na consolidação de conteúdos, respeitando o fazer pedagógico e propondo acrescentar outras metodologias.

Assim permite conceber o indivíduo enquanto sujeito biopsicossocial, haja vista, se desenvolve internamente (desenvolvimento biológico) como também é resultado de práticas culturais e psicológicas (BOCK, 2002), que aliadas a uma metodologia acessível pode contribuir na qualidade do ensino, consequentemente em melhores oportunidades de socialização de saberes.

Diante dos fatos, levantamos a seguinte questão: como utilizar o karatê como ferramenta de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental? Tivemos como objetivo geral: compreender as contribuições da prática do Karatê para os alunos do terceiro ano de uma escola do município de Garanhuns. A escolha ocorreu devido a gama de possibilidades de aprendizagem que o karatê proporciona (seu criador foi “professor dos anos iniciais de escolas do Japão” por muitos anos), o que nos levou a ter como objetivos específicos: discutir sobre a importância da prática do Karatê no ambiente escolar; identificar as contribuições formativas vivenciados nas aulas de karatê; e desenvolver atividades pedagógicas que fomentem nos educandos o comprometimento com a disciplina e respeito na comunidade escolar na qual estão inseridos. Vale ressaltar que esta pesquisa não pretende formar atletas, mas sim desenvolver metodologias que possam contribuir na aprendizagem significativa dos alunos.

Este trabalho está estruturado em sete capítulos, sendo a introdução o primeiro deles no qual estão expostos os objetivos, justificativa e a questão que nos motivou a realizar esta pesquisa. O segundo capítulo aborda diretamente o karatê e parte da sua história, refletindo sobre alguns dos percursos que a arte marcial tomou de seu surgimento até os dias atuais, incluindo a sua inserção na escola. O terceiro capítulo aborda o processo civilizador, o controle das emoções e da violência. No quarto capítulo refletimos sobre o karatê como prática pedagógica. O quinto capítulo traz o passo a passo da metodologia empregada na pesquisa. O sexto capítulo discute as vivências da intervenção, intitulada de: karatê e Educação: respeito acima de tudo. Nele discutimos nossa prática relacionando com teóricos que dão embasamento a nosso fazer pedagógico. O sétimo capítulo são as considerações finais e por fim, temos as referências, apêndices e anexos.

2. KARATÊ: a origem até os dias atuais

2.1 O surgimento da arte

O conhecimento sobre artes marciais é muito amplo com relação às origens, princípios, criadores e estilos (linhagens), em todos os continentes encontramos praticantes das mais diversas modalidades. No entanto, a origem das artes marciais orientais, até onde se sabe, é a Índia (BULL, 2014), é a partir de lá que iremos construir o percurso histórico do karatê. É necessário entender que o termo arte marcial significa literalmente “arte da guerra”, onde marcial faz menção ao deus grego Marte (Ares do Pantaleão grego) que representa o deus da guerra (MOCARZEL; MURAD, 2012), porém, a abordagem que iremos utilizar é a da arte marcial como instrumento de mudança de hábitos e conduta que preza pelo bem estar social.

No século VI um monge budista chamado Bodhidharma que possuía treinamento marcial expandiu a arte até o templo shaolin¹, dando origem ao estilo conhecido Shaolin Kung Fu, “a partir daí, outros estilos de artes marciais foram surgindo de acordo com a expansão desses conhecimentos pelo país, frutos de situações históricas [...]” (BULL, 2014, p. 10) e o karatê se entrecruza como um desses acontecimentos.

O percurso que o karatê tomou antes de chegar a Okinawa², fez com que a arte marcial se adaptasse de acordo com a necessidade das comunidades na qual ela estava inserida. Como bem sabemos, ao migrar da China para o Japão, as características da arte como a meditação, o bem estar, o culto ao corpo e mente saudável, deu origem à autodefesa, na maioria das vezes utilizada em batalhas (FUNAKOSHI, 1994), principalmente na segunda metade do século XIX, período em que o Japão sofria por conta da resistência cultural e comercial de outros países, dentre eles a China.

¹ Local reservado para práticas de meditação budista, que originou o estilo de luta shaolin kung fu (BULL, 2014).

² Ilha localizada ao Sul do Japão, conhecida como o berço do karatê (FUNAKOSHI, 2014).

O karatê passou por reformulações teórico-práticas para se tornar a arte marcial conhecida dos dias atuais. Uma de suas origens remete ao Tō-de³, praticado inicialmente por familiares, se estendendo depois para amigos próximos (FUNAKOSHI, 2000). Fato que permitiu a aquisição de novos praticantes e consequentemente sua expansão.

O Japão do século XIX estava obsoleto com relação a práticas de comércio, o que os levou a fazer uma reestruturação política social, abandonando costumes oriundos do período feudal, contribuindo com a expansão da prática do Tō-de, que posteriormente viria a ser o karatê.

Com essa reformulação que ficou conhecida como restauração Meiji, fato ocorrido no ano de 1868 (FUNAKOSHI, 2000, apud FROSI; MAZO, 2001, p. 300), o Japão tomou visibilidade e as transformações sociais começaram e influenciar a vida de outras pessoas. Neste processo, “podemos ver como diversas mudanças sócio culturais naquela sociedade influenciaram a vida e os costumes das pessoas [...]” (FROSI; MAZO, 2011, p.300). As principais mudanças que podemos citar são: corte de cabelo, costumes da idade média e vestimentas.

No mesmo ano em que houve a restauração Meiji (1868), o karatê, por intermédio do mestre Ankō Itosu, passou a ser praticado por todos vindo a tornar-se disciplina de Educação Física nas escolas em Okinawa.

Para isto, Ankō Itosu (ou Yasutsune Itosu em algumas traduções) formulou os “Dez artigos sobre o Tō-de”, que bem aceitos pelos dirigentes do sistema educacional da época possibilitaram a inserção do Karate nas escolas da prefeitura de Okinawa (FUNAKOSHI, 2000 apud FROSI; MAZO, 2011, p. 300).

Com a crescente prática de adeptos das artes marciais no Japão, ainda na segunda metade do século XIX, o governo, temendo a tomada de poder, proibiu qualquer tipo atividade relacionado à luta (FUNAKOSHI, 1994). Por esse motivo, os praticantes se detiveram a lugares escondidos, e os segredos da arte marcial eram passados a um público restrito. Motivo este que obrigou o Mestre Gichin Funakoshi⁴ a caminhar longas distâncias para, em locais de caráter reservado e com praticantes restritos, aperfeiçoar a arte do karatê.

³

Arte marcial que originou o karatê (FROZI; MAZO, 2001).

⁴

Fundador do karatê Shotokan (1868-1957) (FUNAKOSHI, 2014).

Assim como em outras modalidades marciais como a capoeira, o kung fu e o judô “o Karatê-Dô tem sua origem em um extenso processo multicultural” (FROSI; MAZO, 2011, p. 298), e Funakoshi não foi o percussor, antes dele já havia muitos mestres, dentre eles: Azato e Ytosu, os dois principais no qual Funakoshi atribui seu aprendizado (FUNAKOSHI, 1994; FUNAKOSHI, 2014; SAZAKI, 1995). Podemos dizer que a base do karatê moderno sofreu influência direta desses dois mestres.

Na década de 1930 Funakoshi aperfeiçoava a arte do karatê, reinventando determinadas práticas e significações e modificando alguns sentidos. O que vem tornar Funakoshi o “pai do karatê moderno” (SAZAKI, 1995, p. 66) é justamente a reformulação que ele fez e os avanços significativos da arte, dentre os quais a introdução do caractere *Dô* que significa: caminho. A partir daí o karatê passou a ser karatê-Dô. A palavra karatê significa mãos vazias, o vazio faz menção ao estado de consciência do ser, onde o praticante “[...] deve eliminar de si o egoísmo e os maus pensamentos, pois apenas alguém com a mente e a consciência limpas pode entender o que recebe” (FUNAKOSHI, 2014, p. 22). Passo importante para consolidação não apenas da arte, mas dos princípios e posicionamentos pertinentes para manter uma boa conduta social.

Definido a importância e significado do karatê-Dô - **caminho com mãos vazias** - Funakoshi preocupou-se em criar princípios que o tornassem o mais apresentável, haja vista que possuía técnicas agressivas e pouco belas aos olhos dos expectadores. Na época em que Funakoshi iniciou sua trajetória como *sensei*⁵ eram recorrentes as histórias de praticantes que possuíam poderes sobrenaturais. O misticismo de dilacerar vísceras dos oponentes distanciava novos adeptos. Por esse motivo, o karatê era tido como algo surreal e impraticável. Na versão de Funakoshi não passavam de mitos, o que poderia acontecer era no máximo o praticante quebrar alguns objetos (telhas, tijolos, tábuas) não sendo estes os objetivos do karatê (FUNAKOSHI, 1994; SASAKI, 1995; FROZI; MAZO, 2011; FUNAKOSHI, 2014).

Para Funakoshi (1994) o mais importante de tudo é que o Karatê como uma forma de esporte utilizada na Educação Física, deveria ser bastante simples para

⁵

Sensei: palavra que em japonês é traduzida como mestre ou professor (SOARES, 2007, p. 197).

ser praticado sem maiores dificuldades por todos: jovens e velhos, meninos e meninas, homens e mulheres.

O **karatê** colabora para formação integral do homem, atuando principalmente sobre a formação da personalidade. [...] Sua prática correta exige uma visão mais ampla do ser humano em todas as suas dimensões, para fundamentar um método capaz de colaborar com o desenvolvimento total e harmonioso delas (SASAKI, 1995, p. 20, destaque do autor).

Não bastasse a reformulação das técnicas e da filosofia da arte japonesa, na primeira metade do século XX, Funakoshi cria um dos estilos de karatê mais difundidos no mundo: Karatê Shotokan⁶ (FROSI; MAZO, 2011; SASAKI, 1995; FUNAKOSHI, 1994).

O carateca⁷ deve ter conhecimentos dos princípios norteadores da prática, para que não se distancie dos ensinamentos filosóficos da arte marcial japonesa. Com o aumento dos adeptos do karatê na primeira metade do século XX, surge a necessidade de reforçar os objetivos da arte das mãos vazias, então, lemas são resgatados e difundidos em todas as aulas.

Os lemas do karatê são os seguintes: “1- Esforçar para a formação do caráter. 2- Criar o intuito de esforço. 3- Respeitar acima de tudo. 4- Conter o espírito de agressão. 5- Fidelidade para o verdadeiro caminho da razão” (SASAKI, 1995, p. 17). Princípios que norteiam a prática do karatê até os dias de hoje.

Esses ensinamentos ajudaram a consolidar a arte das mãos vazias e ampliar a prática para as demais esferas da sociedade, pois, envolvia elementos que iam de encontro à cultura japonesa. “A prática do karatê deve ser realizada de forma correta e completa, compreendendo sua finalidade, seus objetivos e sua aplicação prática na moralidade social” (SASAKI, 1995, p.85), que apesar das muitas disputas territoriais envolvendo o Japão nos séculos XIX e XX, não interferiram na base filosófica da arte marcial difundida por Funakoshi.

De um modo geral o Karatê desenvolve o aperfeiçoamento das faculdades mentais do praticante, através de seus princípios e lemas, dentre eles, o fato do

⁶ Estilo de karatê criado por Gichin Funakoshi (FUNAKOSHI, 1994; SASAKI, 1995; FROZI; MAZO, 2011; FUNAKOSHI; 2014).

⁷ Praticante de karatê (FROZI MAZO, 2011).

praticante não se ater somente a aquisição de certas habilidades defensivas, mas também o domínio da arte de ser um membro da sociedade bom e honesto (FUNAKOSHI, 1994). Compreende um universo de técnicas e posturas comuns, independente de estilo, com particularidades locais.

Todo carateca ou admirador do karatê tem conhecimento de sua funcionalidade, uns mais e outros menos. No entanto, ambos sabem que sua prática na essência é composta por fundamentos, dentre os quais se destacam os dois: kata e kihon.

Os *kata*⁸ são movimentos simulados e simultâneos de ataques e defesas cujo praticante executa técnicas previamente determinadas de modo a aperfeiçoar sua forma, ao praticar é necessário respeitar a diversidade, pois, “[...] é preciso dizer que variações podem se expressar como características de cada pessoa”, levando em consideração que “[...] não é necessário estudar indiscriminadamente uma grande quantidade deles, pois o propósito do aprendizado dos kata não é o de simplesmente aprendê-los, mas também de desenvolver autocontrole e a disciplina” (FUNAKOSHI, 2014, p. 26).

Os *Kihons*⁹ são treinamentos de técnicas e bases que facilitam o aprendizado do praticante de karatê, pode ser considerado a base de todo processo, e a partir dele o praticante inicia outras experiências que podem resultar no aprimoramento do kata ou até mesmo do *kumite*¹⁰ (luta). Desta forma, “o karatê não é diferente de outras artes marciais quanto à promoção dos traços de coragem, cortesia, integridade, humildade e autocontrole naqueles que descobrem a sua essência” (FUNAKOSHI, 2014 p. 30).

Uma das obras mais difundidas de Funakoshi é “Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do Mestre” (FUNAKOSHI; NAKSONE, 2005) nela ele enfatiza alguns ensinamentos essenciais, de reflexão e autoconhecimento. O primeiro de todos, que faz menção ao *REI* (saudação), é um dos mais difundidos, afirma que “a exemplo do que acontece com o judô e o kendô, o karatê-do é uma típica arte marcial japonesa. E assim como as outras artes

⁸ A palavra kata (não possui plural) traduzida literalmente significa “forma”, mas pode ser entendida como um tipo de luta imaginária (FUNAKOSHI, 1994).

⁹ Treinamento de técnicas e bases (FUNAKOSHI, 2014).

¹⁰ Palavra que significa encontro/luta (*Idem*).

marciais de que é aparentada, o karatê deve começar da mesma maneira como deve terminar – com rei” (FUNAKOSHI; NAKASONE, 2005), e essa rotina é sempre observada nas aulas, nos mais variados estilos.

Com todas as reformulações da arte, principalmente do ponto de vista prático e filosófico, levou Funakoshi a se dedicar cada vez mais no karatê. Antes vivera de lecionar para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas em Okinawa (ofício de professor do magistério).

Ao conhecer outros mestres de outras artes, no início do século XX, um ganha destaque: Jigoro Kano – fundador do Judô – que com o passar dos anos tornou-se um grande amigo do Mestre Funakoshi (FUNAKOSHI, 2014). Jigoro Kano já havia consolidado o Judô como uma prática esportiva e bonita aos olhos dos espectadores e deu sábios conselhos que contribuíram para que Funakoshi consolidasse a arte das mãos vazias.

O que muitos não sabem é que o próprio Jigoro Kano treinou karatê com Funakoshi vindo aprender os *Katá* básicos, em contrapartida Funakoshi introduziu técnicas de arremesso do Judô no karatê (FUNAKOSHI, 1994; FUNAKOSHI, 2014). A partir disso, apresentações foram realizadas destacando uma em especial, “em 1921, numa viagem do príncipe Hirohito, a comitiva imperial acabou fazendo uma breve parada em Okinawa” no qual os habitantes locais haviam preparado uma apresentação de karatê para o futuro imperador do Japão (FROZI; MAZO, 2011, p. 301).

Com o crescimento e notoriedade do esporte, aproveitando a popularidade, “a partir da década de 30, Gichin Funakoshi empreendeu diversas reformas e conseguiu abertura e aceitação do Karatê no Japão, e diversos especialistas de Okinawa partiram ao Japão continental para ajudar na difusão da prática” (FROZI; MAZO, 2011, p. 301). Pouco tempo depois, mudou-se para Tóquio, e lá, já com grande notoriedade, conheceu estudantes universitários que se tornaram praticantes e posteriormente faixas pretas, expandindo a arte não somente para o Japão, mas para os demais continentes (FUNAKOSHI, 1994).

Para evitar que a arte fosse disseminada com aspectos técnicos e filosóficos distorcidos dos originais, vários mestres do Japão e de Okinawa passaram a se encaminhar para países da Europa e

América, principalmente, para trabalhar no movimento de expansão do Karatê.

No período que sucedeu a Guerra Fria ocorreram grandes evoluções na organização do Karate mundial, havendo a fundação da Federação Europeia de Karate (UEK) em 1965, seguida por outras federações continentais, à própria World Union of Karate Organization (WUKO) e organizações que pretendiam liderar o Karate mundialmente (FROZI; MAZO, 2011, p. 302).

Com a expansão do karatê, surgiu a necessidade de organização de eventos e campeonatos para ajudar a consolidar a arte oriental.

A divulgação e consolidação do karatê enquanto esporte com visibilidade mundial teve o marco, em 1970. A União Mundial das Organizações de Karatê (WUKO), comprou a ideia de tornar o esporte olímpico (CBK, 2018). Posteriormente surgiram outras confederações espalhadas mundo afora, vindo a WUKO ser substituída pela WUK (World Karate Federation) esta passando a ser reconhecida como a entidade responsável pelo karatê mundial (*idem*).

O panorama no qual o karatê se desenvolveu permitiu a modificação de práticas. As mudanças sócias históricas e culturais permitiu que a arte das mãos vazias ganhasse outros continentes, consequentemente, novos adeptos, de diferentes regiões e etnias, dando um ar acessível, acolhedor com caráter democrático.

2.2 O Karatê no Brasil

No Brasil o karatê chegou com imigrantes japoneses que se instalaram na região Sudeste, no Estado de São Paulo na década de 1950 (FROZI; MAZO, 2011).

A história da introdução do Karate no Brasil está diretamente ligada aos imigrantes japoneses que aqui se estabeleceram após a Segunda Guerra Mundial. Com a formação da colônia japonesa em São Paulo a partir de 1955 foi estabelecida a primeira academia de Karate naquela cidade, pelo *sensei* Mitsusuke Harada do estilo Shōtōkan (BARTOLO, 2009; CBK, 2009 *apud* FROZI; MAZO, 2011, p. 303).

No ano de 1960, o *sensei* Seiichi Akamine fundou a Associação Brasileira de Karatê o que mais tarde originaria a Confederação Brasileira de Karatê – CBK - contribuindo para expansão do karatê para outros estados, iniciando pela Bahia no ano de 1961 pelo *sensei* Eisuke Oishi que foi levado ao estado pelo Dr. Angelo Decaino (FROZI; MAZO, 2011), figura conhecida no desenvolvimento de outras modalidades esportivas de combate na região Nordeste.

Após a introdução do karatê, levou cerca de uma década para ganhar notoriedade passando a ganhar novos adeptos que contribuíram na expansão da arte das mãos vazias para as demais regiões do país. Vindo o karatê tornar-se

[...] tema de meios e mídias, como o cinema, a televisão, revistas em quadrinhos, desenhos animados, livros, contos, caminhos de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal (ou espiritual), do esporte aos jogos digitais [...] todos influenciando de alguma forma em cada uma das suas diferentes manifestações na construção de conceitos no imaginário social (FROZI; MAZO, 2011, p. 308).

Com a popularização do esporte no Brasil criou-se a necessidade de promoção da primeira competição. Motivo que levou ainda na década de 1960 a criação do primeiro campeonato brasileiro de karatê.

As competições oficiais no Brasil iniciaram-se em 1969, com o I Campeonato Brasileiro de Karate, realizado nos dias 2 e 3 de dezembro, no ginásio de esportes do Botafogo Futebol e Regatas, na cidade do Rio de Janeiro. Participaram deste campeonato os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Brasília. A entidade que organizou o evento foi a Confederação Brasileira de Pugilismo, através do seu departamento de karate e neste campeonato houve apenas a participação de atletas do sexo masculino (KANASHIRO, 2008, p. 31).

Apesar de existirem adeptos suficientes para participarem de competições e representarem o seus respectivos estados, ainda não existia uma confederação que representasse exclusivamente o karatê. As competições trouxeram a necessidade de se criar uma entidade que regulamentasse a prática do esporte em âmbito nacional.

O movimento do karatê esportivo no Brasil se consolidou em 1987, com a criação da Confederação Brasileira de Karatê (C. B. K), uma entidade nacional responsável pela administração e organização da modalidade esportiva, que está filiada à WKF e vinculada ao Comitê

Olímpico Brasileiro (COB), além de reconhecida pelo Ministério da Educação como entidade de direção nacional da modalidade (ALVES, 2008, p. 8).

Sendo a CBK a principal responsável pelos eventos que ocorrem no país, com objetivo de difundir o karatê em todas as regiões do Brasil o karatê esportivo, com roupagem educativa. É com essa imagem – o karatê esportivo e educativo- que no ano de 2016, representantes de diversas entidades, do país e do mundo, conseguiram a aprovação como esporte olímpico, presente nas olímpiadas de Tóquio no Japão em 2020 (CBK, 2018).

No capítulo seguinte abordaremos o processo civilizador, como a sociedade vem modificando o comportamento desde a idade média. O controle das emoções e da violência será abordado como elementos presentes não apenas na idade média, mas também nos dias atuais.

3 PROCESSO CIVILIZADOR: o controle das emoções e da violência

A sociedade vem construindo suas relações interpessoais desde os primórdios. Não se sabe ao certo a que custos são abdicadas práticas em detrimento de comportamentos adequados nas mais diversas situações. Autores como Huizinga (2000) falam sobre o jogo como um elemento cultural de socialização, explicando a formação humana sob a perspectiva do jogo, com caráter lúdico, perpassando acontecimentos e produções sociais.

Já pela perspectiva social e histórica Mocarzel e Murad (2012) apontam a evolução do homem e suas fases, diferenciando-se pelos seus feitos. Assim, destacam o *Homo Habilis* como sendo o primeiro a ter inteligência social da linguagem e a utilizar a pedra lascada como ferramenta. O segundo a surgir na linhagem é o *Homo Erectus*, com o marco de andar na vertical. O terceiro se trata do *Homo Sapiens*, destacando-se por sua “capacidade de racionalizar pensamentos complexos de forma superior aos demais seres vivos” (MOCARZEL; MURAD, 2012, p. 88).

Os autores acompanhando o mesmo raciocínio apontam o *Homo Violens* como um ser dotado de violência como meio de sobrevivência, sendo esta uma característica natural do instinto do homem. O *Homo Faber* utilizador de ferramentas nos afazeres do cotidiano, *Homo Sapiens* “capaz de racionalizar pensamentos complexos de forma superior aos demais seres vivos” (MOCARZEL: MURAD, 2012, p. 88).

Continuam o pensamento com o *Homo Politicus* indivíduo que se preocupava em manter uma relação pacífica e civilizada perante a sociedade. O fruto final do trabalho de raciocínio da evolução do homem perante seus feitos e comportamentos na visão de Mocarzel e Murad (2012) é o *Homo Disciplinatus*, este “indivíduo zeloso, dedicado, que busca incessantemente a perfeição e a harmonia em todos os seus campos de atuação, seja em âmbito social, profissional ou mesmo em afazeres do cotidiano” (p. 94).

Percebe-se que o homem tentou ser explicado em diferentes momentos da história da humanidade. Cada autor discute pontos importantes relacionados à forma de agir do indivíduo homem. O que nos levou a levantar uma questão frente às mudanças que ocorreram no decurso da humanidade: que tipos de práticas são essenciais para vivermos em sociedade de maneira harmoniosa? Para nos ajudar a criar um posicionamento crítico, a respeito do comportamento e da privação das emoções, iremos debater sobre os estudos de Norbert Elias¹¹ e outros autores que compartilharam conhecimento sobre o comportamento da sociedade e suas práticas sociais.

Cabe aqui destacar que o termo civilização no qual iremos discutir mais adiante, nos remete a algo organizado e socialmente aceito, mas “na verdade os termos ‘civilizado e incivil’ não constituem uma antítese existente entre o bem e o mal, mas representam, sim, fases em um desenvolvimento que, além do mais, ainda continua” (ELIAS, 1994, p. 73). O que nos faz refletir sobre as mudanças em comportamento, do homem dito civilizado, e os aspectos que devemos levar em consideração ao fazer tal análise.

¹¹ Norbert Elias (1897-1990) nasceu em Breslau, na Prússia (atual Wrocław, na Polônia). Era, portanto, cidadão alemão, e lecionava em Frankfurt quando, em 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, escapou para a França, depois se instalando na Inglaterra (RIBEIRO, 1993).

A obra elisiana¹² é revestida de detalhes que auxiliam o entendimento sobre o comportamento do homem moderno, este compartilha dos modos de se vestir, comer, caminhar, falar, relacionar-se e outras formas de aproximação e convivência coletiva pertinentes na idade média que veio a perdurar até os dias atuais (ELIAS, 1993; ELIAS, 1994).

Para entender melhor o processo de civilização é necessário saber que o “Estado” influenciou diretamente a forma de conduta da sociedade em diferentes períodos, pois,

a civilização da conduta, bem como a transformação da consciência humana e da composição da libido que lhe correspondem, não podem ser compreendidas sem um estudo do processo de transformação do Estado e, no seu interior, do processo crescente de centralização da sociedade, que encontrou sua primeira expressão visível na forma absolutista de governo (ELIAS, 1993, p. 19).

O Estado em sua formação constituía-se de práticas que privilegiavam determinados grupos com um poderio centralizado, pautado em disputas por terras e territórios, muitas vezes conquistados por alianças com quem possuía poder de guerra e força física, causando dependência um do outro, na maioria das vezes, essa aliança feita por meio de juramentos, porém com suas relações de poder previamente definidas, onde “o parceiro de mais alta classe, possuidor de maior área de terra – as duas coisas completavam – era o ‘senhor’ e, o parceiro mais fraco, o ‘vassalo’” (ELIAS, 1993, p. 61).

Na sociedade feudal, a força física considerável era elemento indispensável ao poder social, embora de maneira nenhuma seu único determinante. Ou, simplificando um pouco: podemos dizer que o potencial de poder social do homem na sociedade feudal era exatamente igual ao tamanho e produtividade de sua terra e à força de trabalho que ele controlava. Sua força física era indubitavelmente um elemento importante em sua capacidade de controlá-las (ELIAS, 1993, p. 63).

Daí surge à valorização das práticas de tomada de poder, e consequentemente as migrações.

¹²

Como alguns autores costumam chamar os escritos de Norbert Elias (SOUZA; SIMÕES, 2010).

Mas uma coisa é certa: á medida que as migrações iam lentamente cessando, e que as lutas entre tribos chegavam ao fim, todos os sintomas dessa “superpopulação social”, uma após o outro, fizeram seu aparecimento – com o rápido crescimento demográfico sendo acompanhado por uma transformação nas instituições sociais (ELIAS, 1993, p. 41).

Com essas transformações evidenciam-se delimitações nas negociações e uma melhor definição do que viria a se tornar institucional, se aproximando cada vez mais de práticas “civilizadas” com lugares definidos e transações pré-estabelecidas, pautadas em esferas econômicas e políticas. “Por ‘econômica’ entendemos toda cadeia de atividades e instituições que servem à criação e aquisição de meios de consumo e produção” (ELIAS, 1993, p. 132).

Em todas as sociedades de guerreiros que possuem economia de troca – e não apenas no caso delas –, a espada é instrumento frequente e indispensável para adquirir os meios de produção e, a violência, meio indispensável de produção (ELIAS, 1993, p. 132).

Desse modo, o desenvolvimento do Estado caminhou para batalhas e conquistas territoriais pautadas na ampliação do poderio dos senhores, donos das terras, que detinham a maior parte da mão de obra e conseqüentemente maior efetivo para promover conflitos, vindo a aumentar seus bens, ocasionando a mudança de comportamento na sociedade civil, onde eram

[...] forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas bem devagar, o código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais (ELIAS, 1994, p. 91).

Ora, por trás de todo comportamento existem elementos que caracterizam e representam determinados grupos “e isto envolve não só o nível de consciência; clara, racional, pois sua vida emocional revestia-se também de uma diferente estrutura e caráter” (ELIAS, 1994, p. 82). “Suas emoções eram condicionadas a forma de relações e conduta que, em comparação com os atuais padrões de condicionamento, parecem-nos embaraçosas pelo menos sem atrativos” (*idem*). Não

se trata de aceitação perante a sociedade, se trata da não exclusão mediante sua vida pública. Vale ressaltar que

[...] o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejam essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas (ELIAS, 1993, p. 193).

O processo civilizador aqui discutido é “marcado, dentre outros elementos, pela introjeção da autorregulação e pela racionalização de impulsos passionais” (FERREIRA, 2010, p. 96).

A partir daí surgem outros mecanismos de controle social e “nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança”, aumentando o policiamento do próprio comportamento, sendo este modificado (ELIAS, 1993, p. 93).

A mudança no controle das paixões e conduta que denominamos “civilização” guarda estreita relação com o entrelaçamento e interdependência crescentes de pessoas. [...] esse entrelaçamento pode ser identificado como se fizesse parte do processo de vir a ser (ELIAS, 1993, p. 54).

Sabendo que “o exercício da disciplina possibilita o desenvolvimento da autorregulação, tornando mais estáveis as relações do sujeito no conjunto da sociedade” (FERREIRA, 2010, p. 104). Ou podemos entender que se instaurava uma prévia do que viria ser a moral, um pilar básico de uma sociedade moderna. Sobre tal conduta Durkheim (2008, p. 36) afirma que

é necessário encontrar as forças morais que estão na base de toda a vida moral, de ontem e de hoje, sem desdenhar a priori aquelas forças que, até o momento, existiram sob forma religiosa, empenhando-nos em descobrir sua expressão racional, buscando atingir a verdadeira natureza dessas forças, despojadas de todos os símbolos.

Os estudos de Elias (1994) apontam para uma conscientização de mudança de hábito (internalizado) criando um sentimento de autocontrole.

O modelo de autocontrole, o gabarito pelo qual são moldadas as paixões, certamente varia muito de acordo com a função e a posição do indivíduo nessa cadeia, e há mesmo hoje, em diferentes setores do mundo Ocidental, variações de intensidade e estabilidade no aparelho de autocontrole que parece, à primeira vista, muito grandes (ELIAS, 1993, p.197).

Assim, a educação se constitui como elemento fundamental no processo de transformação da conduta da sociedade, pois, “a educação moral sociologicamente orientada reconhece, então, a disciplina como uma força estruturadora da vida social, devendo por isso ser ensinada ao conjunto da sociedade por intermédio da escola e do processo educacional” (FERREIRA, 2010, p. 104).

Em parte automaticamente, e até certo ponto através da conduta e dos hábitos, os adultos induzem modelos de comportamento correspondentes nas crianças. Desde o começo da mocidade, o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão de resultados de seus atos, de que precisará para desempenhar funções adultas. Esse autocontrole é instilado tão profundamente desde essa tenra idade que, como se fosse uma estação de retransmissão de padrões sociais, desenvolve-se nele uma autosupervisão automática de paixões, de um “superego” mais diferenciado e estável, e uma parte dos impulsos emocionais e inclinações afetivas sai por completo do alcance direto do nível de consciência (ELIAS, 1993, p. 202).

Acreditando que “é autocontrolando seus impulsos que o educando melhor conduzirá sua vivência em sociedade” (FERREIRA, 2010, p. 106), tanto Durkheim quanto Norbert Elias destacam que desde a infância somos submetidos a processos educacionais que controlam impulsos, sejam para melhor convívio em sociedade ou para um desenvolvimento da moralidade (FERREIRA, 2010). “Da mesma forma que acontece com a estrutura social, nosso tipo de conduta, nosso nível de limitações, proibições e ansiedades não é algo definitivo, e ainda menos uma culminância” (ELIAS, 1993, p. 272).

O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes tona-se mais estrito, em comparação com a fase precedente (ELIAS, 1994, p. 91).

O educar pelo medo, torna-se ferramenta indispensável na formação da conduta pessoal, pois, “os medos formam um dos canais – e dos mais importantes – através dos quais a estrutura da sociedade é transmitida às funções psicológicas individuais” (ELIAS, 1993, p. 269). Com objetivos diversos que conduziam uma sociedade mais centrada na imagem coletiva, preocupada em transmitir padrões sociais onde os indivíduos suprimiam desejos pessoais em detrimento de novas práticas de conduta e privação das paixões, como um mecanismo muito bem definido. A criança e o adolescente jamais aprenderiam a controlar o próprio comportamento sem o medo instilado por outras pessoas (ELIAS, 1993, p. 269). Dependendo o homem adulto ser influenciado pelos medos para se tornar merecedor do nome de humano, amadurecido quando lhe são negados alegrias e prazeres (*idem*, pp. 269-270).

Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social (ELIAS, 1993, p. 196).

Como bem sabemos, o ser humano vive em sociedade e depende da socialização para se constituir como tal, pois, como afirmou Vygotsky, “na ausência do outro o homem não se constitui homem”, cujas vivências pautadas em atitudes, desejos ou produtos da ação humana, “por natureza, nada mais são que concretizações de relações e comportamento, materializações da vida social e mental” (ELIAS, 1994, p. 124).

O processo formativo do homem é repleto de renúncias e “o processo civilizador não segue uma linha reta” (ELIAS, 1994, p. 185), pois, a transformação da sociedade ocorre de forma não linear e os padrões de comportamento dominantes exercem influências sobre as demais esferas da sociedade, existem renúncias e impulsos que devem ser levadas em consideração, até porque “a estrutura emocional do homem é um todo” (p. 189) e suas consequências nem sempre são previsíveis.

A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem. Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais

animalescas são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada (ELIAS, 1993, pp. 193-194).

Posteriormente sendo instaurado determinado padrão, onde homens espelhavam-se nos hábitos individualizados, resultando em “um ‘superego’ específico que se esforça por controlar, transformar ou suprimir-lhe as emoções de conformidade com a estrutura social” (ELIAS, 1993, p. 203). Apesar da existência de práticas que podemos considerar civilizadas, o homem não abandonou a violência física e ameaça de seu cotidiano, ambas atuavam como uma organização do controle “não é mais, contudo, a insegurança perpétua que ela trazia à vida do indivíduo, mas uma forma peculiar de segurança” (ELIAS, 1993, p. 200).

Na verdade, foi todo o molde social, o código de conduta, que mudaram e, de acordo com as mudanças, não apenas esta ou aquela forma específica de conduta, mas todo o padrão, toda a estrutura da maneira como indivíduos pautam sua vida (ELIAS, 1993, p. 200).

As práticas de autotransformação, num reflexão quase que automática da pessoa consigo mesma, nem sempre era satisfatória e feliz, pois nesse processo se fazia presente a privação das emoções, ocasionando posteriormente uma interdependência entre grupos. No entanto, essa interdependência resultou na formação de grupos cada vez maiores e a violência foi excluída de seus contatos, nesse momento “é estabelecido um mecanismo social, no qual as limitações entre elas são transformadas duradouramente em autolimitações” (ELIAS, 1993, p. 203).

Conceitos foram se consolidando e “a aprendizagem dos autocontroles, chama-se a eles de ‘razão’, ‘consciência’, ‘ego’, ou ‘superego’, em suma, a civilização do ser humano jovem, jamais é um processo inteiramente indolor, e sempre deixa cicatrizes” (ELIAS, 1993, p. 205). A sociedade começa a traçar suas práticas pelo viés da racionalidade, cada vez mais desenhando o que hoje conhecemos por civilização, com classes sociais, instituições, representantes legais,

padrões de comportamento e uma convivência “harmoniosa”, apesar das diferenças de classes.

No presente contexto, talvez seja suficiente chamar a atenção para o fato de que, de modo geral, os estratos inferiores, os grupos marginais e mais pobres, num dado estágio de desenvolvimento, tendem a seguir suas paixões e sentimentos de forma mais direta e espontânea, regulando-se sua conduta menos rigorosamente que a dos respectivos estratos superiores (ELIAS, 1993, p. 210).

Não menos importante, cabe ressaltar que é na infância que se inicia o processo de civilização, este leva em consideração aspectos de sua personalidade,

a personalidade maleável da criança e tão modelada por medos que ela aprende a agir de acordo com o padrão predominante de comportamento, sejam esses medos gerados pela força física direta ou pela privação, pela restrição de alimento ou de prazeres (ELIAS, 1993, p. 270).

Conforme foi exposta a trajetória de civilização do homem, percebe-se que a mudança de comportamento ainda se faz presente nos dias atuais, e tais práticas ainda não estão concretizadas, pois o homem é um ser que está sempre em busca de novas práticas e nesse norte descobre meios de lidar com as mais diversas situações e tensões. Acreditamos que

só com a eliminação das tensões e conflitos entre os homens é que esses mesmos tensões e conflitos que operam dentro dele podem ser tornar mais brandos e menos nocivos às suas probabilidades de desfrute da vida (ELIAS, 1993, p. 273).

Em outras palavras: enquanto o indivíduo homem não abdicar de práticas individuais em detrimento de comportamento coletivo, existirão conflitos, guerras, disputas territoriais e mortes. E como bem sabemos, são práticas que vão contra o processo evolutivo da sociedade. O que se espera é que o sujeito crie uma identidade coletiva buscando o equilíbrio entre seus impulsos e suas práticas sociais.

Um exemplo da evolução do controle do comportamento é o boxe: “uma forma fortemente temperada dos impulsos de agressividade e crueldade, em comparação com os prazeres visuais de épocas mais antigas” (ELIAS, 1994, p.

201). Conforme a civilização é difundida, as práticas vão ganhando significados e outras se reinventam e costumes antes discriminados passam a serem aceitos. Em parte, estas mudanças se relacionam com o prazer e as demandas do modelo de sociedade a qual está vinculada, nos restando “estudar em mais detalhes que mudança na estrutura social desencadeou realmente esses mecanismos psicológicos, que mudanças nas compulsões externas puseram em movimento essa ‘civilização’ das emoções e do comportamento” (ELIAS, 1994, p. 202).

O processo civilizador é um recurso de fundamental importância para entendermos como as condutas morais modificaram os costumes e hábitos da sociedade atual. Grande parte das práticas de civilização que conhecemos nos dias de hoje tiveram origem ainda na idade média e foram se adaptando as diferentes culturas e povos, de modo que não perdesse o foco do objetivo da civilização: viver com regras e condutas comuns a toda sociedade.

4. O KARATÊ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: perspectivas sobre a educação

O ensino de lutas na escola devem levar em consideração as dimensões conceituais (o que se deve saber?), procedimentais (o que se deve fazer?) e as atitudinais (como se deve fazer?) (COLL et al. 2000 *apud* RUFINO; DARIDO, 2015), tendo como referência a luta enquanto elemento constitutivo de reflexão, onde,

refletir a prática pedagógica, nesse contexto, significa construir uma teoria da prática pedagógica mediada pela ludicidade, que favoreça o experimentar de relações solidárias, afetivas, que permitam aos atores construir conhecimento de forma prazerosa (KOHL, 2014, p. 113).

E os conteúdos que ali são trabalhados, permitem uma melhor reflexão das práticas que o circundam. Assim, contribuem na formação

de maneira ampla, devem ser compreendidos como tudo quanto se tem de aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abranjam capacidades cognitivas, mas também incluam as demais, como as capacidades motoras, afetivas de relação interpessoal e de inserção social (ZABALA, 1998 *apud* RUFINO; DARIDO, 2015, p. 29).

Para tal atividade acreditamos que “a educação processa-se de acordo com a compreensão da realidade social em que está inserida, ou seja, a educação sofre influência daquilo que a circunda” (KOHL, 2014, p. 51) e o ensino das lutas no ambiente escolar compreende um eixo temático que deve ser trabalhado de forma crítica/ reflexiva, onde o educando desenvolva habilidades que vão além de práticas corporais, não se esquecendo de uma das funções sociais da escola: a formação cidadã, uma vez que, “deve-se ter claro que a função da escola não é formar atletas, muito menos lutadores e/ou competidores de uma modalidade” (RUFINO; DARIDO, 2015, p. 27).

A escola é um lugar onde o educando deve construir saberes necessários para a formação de sua identidade, pautada na criticidade e na responsabilidade social. O esporte deve atuar como mais um elemento de consolidação dessas práticas, dando suporte para o desenvolvimento íntegro indivíduo.

Para isso, a pedagogia com seus preceitos e práticas utiliza da Educação Física escolar como suporte para desenvolver as aulas, devendo ir além de ideias voltadas para o ensino do gesto motor, permitindo que o professor desenvolva a tarefa de problematizar, interpretar, relacionar e analisar diferentes práticas, proporcionando o despertar dos sentidos e significados (RUFINO; DARIDO, 2015), contribuindo na consolidação da aprendizagem.

As aulas em sua totalidade compreendem um universo de atividades, dentre elas, cultura corporal de movimento que tem como tema o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, a dança, a capoeira e outras temáticas (BRASIL, 1998). Assim, acreditamos em “uma escola que seja democrática para todos(as), com caráter social que cultive a curiosidade para o estudo, numa aprendizagem criativa” (KOHL, 2014, p. 53) pautada na

práxis que é a ação e reflexão sobre o mundo, a partir de movimentos com intencionalidades transformadoras, em que o homem tem a consciência da realidade para poder refletir e questionar a mesma, reconhecendo sua condição no mundo e, conseqüentemente, ter como transformar e transformar-se (*Idem*, p. 56).

Na trajetória de educadores pautados em inserir a luta no contexto escolar, ações e procedimentos fazem toda diferença nas aulas no ensino fundamental. Atitudes devem ser repensadas de modo que o educando reflita sobre quais objetivos da modalidade no qual ele está vivenciando.

Uma dúvida frequente, nem sempre sanada, é a distinção entre arte marcial e luta. Apesar de possuírem similaridades que por hora levam a confusão, ambas carregam em si elementos que as diferenciam. Arte marcial pode ser entendida como um conjunto de ferramentas socioeducativas que trabalham o respeito e a tradição pautados em diversos **princípios filosóficos**, enquanto luta é o **enfrentamento** regido por determinadas regras, valores e modos (RUFINO; DARIDO, 2015; MOCARZEL; MURAD, 2012; BREDAS, 2010), podendo afirmar então que nem toda arte marcial constitui de uma luta e nem toda luta constitui de uma arte marcial, pois, existe arte marcial que não necessita de confronto, a exemplo o arco e flecha (kyudo), e nem toda luta requer de princípios filosóficos, como acontece no boxe.

No ambiente escolar a luta deve ser trabalhada como elemento cultural que se apropria das particularidades dos indivíduos, atores do conhecimento, para desenvolverem atividades diversas, de modo que contemplem não apenas os referenciais curriculares, parâmetros e/ou pressupostos teóricos, devendo sim, levar em consideração, o movimento vivo que há no meio social, reconhecendo os agentes participantes como seres dotados de saberes e particularidades, com objetivos diversificados compartilhando da aprendizagem significativa, produzindo conhecimento crítico-cultural, cujos atores têm a oportunidade, por meio da ludicidade, de desenvolver a integralidade do ser humano “dando possibilidades aos atores para construírem seus sentidos referentes ao conhecimento a partir de significados construídos na historicidade dessa construção histórico-social humana” (KOHL, 2014, p. 115).

Os benefícios da prática do karatê vão além de melhoramentos físicos, como aponta Barbeto (2011) quando destaca a contribuição do karatê no desenvolvimento ósseo e prevenção de doenças relacionadas a estrutura do corpo humano e possíveis lesões. Sua prática, como bem destacam Funakoshi (1995), Funakoshi e Nakasone (2005), Bredas (2010) e Funakoshi (2014), enfatizam o desenvolvimento das faculdades mentais do praticante fomentando indivíduos íntegros e de boa

índole capazes de discernir sobre posicionamentos éticos comuns a sociedade que vivemos, como hábitos de cortesia, camaradagem, respeito a si e ao próximo e acima de tudo o controle das emoções em detrimento de um comportamento aceitável e harmonioso.

Com outro olhar Tramontin e Peres (2008) afirmam que

a agressividade é apontada como um traço característico da personalidade humana. O ato de agredir pode ser considerado como uma forma de entrar em contato ou de comunicar e dirigir a emoção aos outros, de emitir tentativas de relacionamento humano, podendo ocorrer de maneira negativa ou positiva (p. 2).

Desse modo justificam-se as intervenções na escola por meio de atividades que promovam a reflexão na tentativa de pôr para fora sentimentos positivos, estes, desprovidos de comportamentos que possam causar danos a pessoas que se relacionam. E na concepção dos autores não devemos simplesmente camuflar as emoções das crianças, mas sim, cabe aos profissionais de educação buscar entender os motivos que levam aos conflitos, e acima de tudo procurar alternativas para solucionar ou amenizar os problemas de agressividade, e

o uso pedagógico da prática do karatê como meio de sociabilização pode contribuir significativamente para encaminhar os educandos ao domínio do ímpeto agressivo, exatamente porque direciona suas energias de forma saudável à cooperação e à socialização, criando um bem-estar para todos (TRAMONTIN; PERES, 2008, p. 4).

É importante ressaltar que, para além dos benefícios mencionados, o Karatê contribui na construção de hábitos saudáveis importantes para a sociedade nos dias atuais, tanto comportamentais quanto de caráter fisiológico e social.

Uma pesquisa desenvolvida por Acácio (2011) com crianças com idades que variam dos 7 aos 12 anos de idade (praticantes de karatê), em ambos os sexos, e com tempo de treino diferente, constatou que com o passar do tempo as crianças evoluíram frente práticas vivenciadas no karatê. Essa afirmação se deu por meio de entrevista com os pais, onde relataram principalmente o comprometimento dos educandos antes e depois de conhecerem o karatê, tendo avanços no comportamento de modo geral, mais organizados em seus afazeres do cotidiano,

maior interesse por práticas esportivas e menor tempo dedicado na frente da televisão, mais cuidado com a higiene pessoal, maior comprometimento com os estudos, mais desenvoltura em fazer novas amizades, maior controle emocional e mais interesse em comparecer as aulas.

Como bem sabemos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB- (LEI nº 9394/96) garante ao estabelecimento de ensino a construção de um Projeto Político Pedagógico que leve em consideração a comunidade escolar na qual ela está inserida, como também garanta o acesso e participação de todos nessa tomada de decisão e construção de projeto (BRASIL, 1996). O karatê como elemento que fomenta ações e práticas com princípios éticos e morais se aproxima de uma prática democrática, uma atividade educativa cujo interesse coletivo deve ser tratado com primazia, respeitando sempre as particularidades de cada indivíduo.

Assim, constitui-se o karatê como um meio canalizador de sentimentos hostis que tem por objetivo o “desenvolvimento humanizante biopsicossocial, utilizando como instrumento básico de ensino as atividades físicas e os exercícios físicos fundamentados em situações de combate” (TRAMOTIN; PERES, 2008, p. 9).

4.1 Discutindo saberes e práticas educacionais

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/ 96) disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A escola em si representa um tipo de instituição voltada para os processos formativos que contribuem no desenvolvimento familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

A educação deve contemplar todas as camadas sociais, respeitando-se suas particularidades levando em consideração os diferentes ambientes no qual ela está inserida. Sabendo que

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da

vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com um ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Com esse norte compreendemos que não se pode negar a sistematização do conhecimento em sua diversidade, e que não existe apenas um modelo educacional pronto e acabado, mas sim a diversidade do ensino.

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais *sem* classes, *de* classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas (BRANDÃO, 2007, p. 9).

É inevitável negar que a educação se faz presente desde o surgimento da humanidade, na consolidação da cultura dos diversos povos, sendo assim, percebemos que “a educação existe em toda parte e faz parte dela existir entre opostos (BRANDÃO, 2007, p. 100)”.

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre se que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 2007, pp. 9-10).

Os métodos pedagógicos são voltados para que o educador trabalhe com os educandos elementos que busquem o desenvolvimento cognitivo, onde é

[...] exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1996, p. 13).

É nesse sentido que nos deparamos com práticas e saberes diversos, representados através das diferentes culturas e formas de agir dos indivíduos. Cabe ao professor apropriar-se de saberes docentes que auxiliem na condução e construção do saber discente, este dotado de conhecimento prévio e capaz de refletir sobre suas ações. Não menos importante

a didática, ao pretender orientar os processos formativos de professores, deve ir ao encontro da expressão de suas ações práticas, para a produção de conhecimentos relativizados, entendidos a partir das circunstâncias, dos sujeitos e dos lugares sociais daqueles que os elaboram e divulgam (GIROTTI; CASTRO, 2013, p. 183).

Faz-se necessário entender que “a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade (BRANDÃO, 2007, p. 10)”.

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder (BRANDÃO, 2007, p. 14).

O que nos leva a crer que “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12), cujo papel do educador é criar um ambiente de socialização e troca de saberes, que contemplem a formação do ser pensante e atuante sobre sua própria forma de agir. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996, p. 13).

Deve-se romper com a visão de educação bancária onde o educador atua como um depositante de conhecimento no educando, o pensador que silencia o saber do aluno, autoritário e que produz enquanto o aluno apenas é mero receptor, um objeto (FREIRE, 1997).

Conhecimento que deve levar o aluno a uma compreensão do que se está aprendendo de modo que se conheçam suas funções em sua totalidade, levando em consideração que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e

somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983, p. 16).

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação trans-formadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1983, p. 16).

A reflexão sobre suas práticas remete a um sujeito capaz de discernir sobre aspectos sociais e históricos, e ao mesmo tempo construir uma nova visão de mundo, esta disposta a romper com paradigmas e práticas tradicionais de exclusão, assumindo então a postura transformadora, descartando o ato de depositar/transferir valores e conhecimentos de uma sociedade opressora pautada pela dimensão da cultura do silêncio (FREIRE, 1997).

Na verdade a educação deve ser voltada para a emancipação do ser, com “a dialogicidade - essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 44). Com práticas que permitam o educando refletir sobre os acontecimentos e construir uma identidade pautada na reflexão, pois, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1997, p. 44).

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 15).

O compartilhamento de informações e saberes permite uma aproximação entre discente e docente, ambos interessados na ampliação de saberes e consolidação de práticas emancipadoras, estas pautadas na reflexão sobre atos de modo que reverberem em suas ações.

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo,

reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1983, p. 16).

Para Vygotsky a aprendizagem ocorre no processo que inclui relações entre pessoas, ou seja, a relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro, desse modo o desenvolvimento não é pensado como algo natural, mas sim como um processo em que está presente a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem, levando em consideração as relações entre aprendizagem e desenvolvimento como formas indissociáveis (BOCK, 2002).

Outra concepção não menos importante é, na visão de Piaget, que a mera repetição não leva a aprendizagem, deve existir a problematização criando um conflito cognitivo¹³ que propicie uma assimilação/acomodação de novos sentidos e significados, alcançando a equilíbrio¹⁴ dos novos conhecimentos (WADSWORTH, 2003). Ao mesmo tempo em que o indivíduo reflete sobre os acontecimentos e vivências de mundo ele busca reformular seus próprios saberes.

As duas concepções se complementam, enquanto Vygotsky acredita que a aprendizagem se dá por interações externas em contato com diferentes culturas e situações, Piaget acredita na aprendizagem como uma maturação interna resultante de fatores psicológicos que ao manter contato com novas informações resulta em um novo saber, um novo conhecimento, mais estruturado. No entanto, ambos convergem que não existe conhecimento pronto e acabado, todo conhecimento é resultado de um processo, seja ele interno ou externo (BOCK, 2002; WADSWORTH, 2003).

As problematizações relacionadas à aprendizagem devem levar em consideração que o ser homem está inserido em um mundo com diferentes contextos de aprendizagens, saberes e práticas. E por esse motivo não pode ser entendido como um indivíduo “fora de suas relações com o mundo, de vez que é um

¹³ Situação na qual o indivíduo possui uma informação sobre determinado conteúdo e lhe é acrescentada uma nova informação que o leve a reformular o conceito antes existente, resultando em uma nova informação (WADSWORTH, 2003).

¹⁴ Processo final onde o sujeito absorve o conhecimento e faz uso de forma clara no seu dia a dia, mecanismo autorregulador, necessário para assegurar uma eficiente interação da criança com o meio ambiente, é a estabilidade da organização mental, não desconsiderando a ação permanente no processo (*Idem*).

‘ser-em-situação’, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da ‘práxis’; da ação e da reflexão” (FREIRE, 1983, p. 17).

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa-ação, conforme defende Dionne (2007) a pesquisa-ação é uma modalidade de intervenção coletiva inspirada nas técnicas de tomada de decisão, que associa atores e pesquisadores em procedimentos conjuntos de ação com vista a melhorar uma situação precisa, ou seja, é uma junção de estratégias.

Severino (2007), por sua vez, afirma que a pesquisa-ação além de compreender e intervir deve levar em consideração

o conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2007, p. 120).

A diversidade da pesquisa qualitativa nos permitiu ampliar nosso fazer pedagógico, compartilhando da visão de Severino (2007, p. 119) quando afirma que “são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”. A pesquisa qualitativa, além de ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados, “ênfatiza mais o processo que do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (BORGAN; BIKLEN, 1982 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 13).

Acreditamos que esse tipo de abordagem (qualitativa) se faz necessária nesse trabalho por conta da gama de informações e subsídios que nos fornece como também por se tratar de uma área da pesquisa social, é importante um estudo mais detalhado do local pesquisado, e a abordagem qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento

realizado através do trabalho intensivo de campo (LÜDKE; ANDRÉ, 2012), contribuindo na coleta de informações de forma mais completa.

Optamos no tratamento da informação por meio da análise de conteúdo, por se tratar de “uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens e gestos” (SEVERINO, 2007, p. 121). Este critério se preocupa em “entender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações” (*Idem*).

A complexidade da análise de conteúdo possibilita a construção de um conjunto de significações, pois,

envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para compreensão dos problemas ligados as práticas humanas e a seus comportamentos psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais (SEVERINO, 2007, p. 121).

A análise do conteúdo “[...] descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras” (SEVERINO, 2007, p. 122). Desse modo, possibilita um viés mais amplo e preciso, permitindo um esclarecimento melhor dos fenômenos ali vivenciados.

Outro objeto de coleta utilizado na pesquisa é a observação participante, sua escolha se deu por se tratar de “[...] uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção” (LÜDKE & ANDRÉ, 2012, p. 28) contribuindo de forma significativa em nossas análises.

Realizamos também uma entrevista semiestruturada com as três professoras responsáveis pelos terceiros anos envolvidas diretamente na pesquisa. Entrevista semiestruturada de acordo com Lüdke & André (2012) possui um roteiro flexível onde o entrevistador pode refazer as perguntas e adaptá-las ao momento, como também fazer perguntas para elucidar dúvidas que surgiram no decorrer da coleta de dados. Esclarecemos os objetivos das entrevistas como também, apresentamos

um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para cada professora, com todas as informações éticas sobre o referido estudo, incluindo a garantia do sigilo dos entrevistados, sua não obrigatoriedade de respostas como também a desistência após a entrevista, que foi realizada sem fins lucrativos.

As entrevistas foram realizadas no dia 20 de dezembro de 2016, às 10 horas, na secretaria da Escola Municipal Governador Miguel Arraes, em Garanhuns. Contou como recurso um celular utilizado para gravar os áudios que duraram dois minutos (PROFESSORA 01), um minuto e quarenta e um segundos (PROFESSORA 02) e um minuto e quarenta e três segundos (PROFESSORA 03). E apesar do tempo das entrevistas e das respostas das professoras serem parecidas, elas não tiveram contato uma com a outra durante a realização das perguntas.

Elaboramos um projeto que trabalhou em conjunto com as necessidades formativas dos educandos daquela escola (Escola Municipal Governador Miguel Arraes), e a escolha do karatê se deu devido à formação do pesquisador ser graduado faixa preta da modalidade e ter experiências anteriores em trabalhos sociais, como também o fato do esporte em questão prezar pelo desenvolvimento psicossocial, tendo por base, entre outros aspectos, a auto descoberta e a disciplina, primando pelo respeito mútuo. Assim, acreditamos que esses princípios poderiam auxiliar o mover pedagógico da escola em estudo.

Conhecendo o público alvo e a temática que seria trabalhada, desenvolvemos o projeto que caracterizou-se por ser uma atividade de extensão. Dois pesquisadores estiveram à frente das aulas (um pesquisador e uma pesquisadora), ambos estudantes do curso de Licenciatura em pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), com a coordenação da Professora Catarina Souza (UFRPE/UAG). Chegamos a um consenso do título do projeto: karatê e educação: respeito acima de tudo.

O projeto foi desenvolvido durante 12 semanas, iniciando no dia 14 de setembro de 2016 e finalizado no dia 14 de dezembro de 2016. Os encontros aconteceram nas quartas-feiras na parte da manhã, no auditório da escola, com aulas que duravam 40 minutos cada, sendo ministrada uma aula por semana com

cada turma. O terceiro ano “A” tinha um total de 26 alunos, o terceiro ano “B” 24 alunos e o terceiro ano “C” 21 alunos. O público total foi de 71 alunos.

A escolha das turmas foi um critério adotado pela gestão da escola, pois, possuíam alguns alunos retidos que precisavam de incentivo para focar mais nos estudos, como também, participar de alguma atividade que contribuísse nas relações sociais, a vista eram recorrentes os incidentes envolvendo os referidos alunos em confusões dentro e fora da sala de aula.

Com o passar do tempo pudemos identificar alguns alunos com comportamentos mais agressivos e alguns com dificuldades cognitivas (devidamente diagnosticados e com laudos médicos), motivo este que nos levou a reorganizar nosso planejamento e tentar aproximar esses educandos dos demais, de forma pacífica e ordenada.

Uma das estratégias que utilizamos foi à participação coletiva em todas as atividades. Mostramos a importância da cooperação nos exercícios e simulações, dando destaque aos educandos exercerem papel de líderes, o que facilitou o nosso trabalho. Com o passar do tempo às aulas transcorriam de forma harmoniosa e todos participavam e colaboravam para que os objetivos fossem alcançados, e aos poucos eles foram se aproximando da arte e criando laços afetivos não apenas com seus pares, o que antes não existia, mas com os pesquisadores envolvidos na realização das atividades.

No capítulo seguinte iremos detalhar melhor o passo a passo de todas as atividades vivenciadas no projeto, bem como os resultados obtidos, os desafios vivenciados e as aprendizagens que pudemos identificar e tiveram significação para todos que participaram.

6 KARATÊ E EDUCAÇÃO: respeito acima de tudo

Este tópico se refere às análises das aulas e das entrevistas, detalhando as vivências do projeto e conteúdos trabalhados.

Optamos por detalhar os 12 encontros por data, número da aula, conteúdo e metodologia empregados, resumo do relato, aspectos que chamaram atenção e a

base teórica utilizada no planejamento de cada aula. Elementos no qual discutiremos adiante com os objetivos pretendidos.

6.1 As vivências do projeto

O primeiro encontro ocorreu no dia 14 de setembro de 2016 e teve como objetivo conhecer a escola, discentes, docentes e os demais profissionais que compõem aquela comunidade escolar. No dia apresentamos o projeto, objetivos e firmamos um contrato didático com as turmas.

De forma resumida, o encontro foi reservado à apresentação dos instrutores e o reconhecimento da escola e local onde as aulas de karatê iriam ser ministradas. Houve também uma conversa informal com a coordenadora, esta se mostrou solícita e disposta em colaborar com nossa proposta de intervenção, disponibilizando de recursos materiais e toda e qualquer logística ao alcance da escola. Aproveitamos e escolhemos o auditório como o local mais apropriado por ser central e está próximo da dispensa onde estavam os materiais encontrados, como também, a acústica não atrapalharia as aulas das demais turmas. Em seguida disponibilizamos os contatos pessoais e registramos os contatos da coordenação, gestão e professoras participantes do projeto.

Os aspectos que nos chamaram atenção foram à disposição da escola em acolher nossa proposta, pois, os educandos eram ativos e uma atividade que canalizasse a energia era de grande valia para todos. A escola é ampla e dispõe de locais para práticas esportivas, e os materiais que nos foram fornecidos (tatame, cordas, cones, bambolês) nos auxiliaram nas atividades.

Os educandos, por sua vez, se mostraram ansiosos para iniciarem as atividades, logo lhes foram apresentados alguns questionamentos sobre o karatê, tais como: a origem da palavra, se já tiveram contato anterior e qual modalidade o karatê se encaixava (esporte ou luta). Enfim, diante dos questionamentos chegaram a um consenso que a modalidade seria uma luta. Ao fim da apresentação os alunos tiveram o primeiro contato com a saudação “Oss”, mostrando respeito e firmando um compromisso para os próximos encontros.

Sob a ótica de uma escola ampla e com espaços de comum convivência para prática esportiva desenvolvemos o conteúdo do karatê. Não esquecendo que, o ensino de lutas na escola deve levar em consideração as dimensões conceituais (o que se deve saber?), procedimentais (o que se deve fazer?) e as atitudinais (como se deve fazer?) (COLL et al. 2000 *apud* RUFINO; DARIDO, 2015). Conhecer a rotina daqueles estudantes nos levou a refletir sobre a teoria presente naquele ambiente, nos levando a construir o que Kohl (2014, p. 113) chama de “prática pedagógica mediada pela ludicidade, que favoreça o experimentar de relações solidárias, afetivas, que permitam aos atores construir conhecimento de forma prazerosa”. Este tipo de prática se consolida a partir do momento em que são respeitados os diferentes espaços de convivência e instiga-se o esforço em querer saber mais para melhor se relacionar, seja com outros (interpessoal) ou consigo mesmo (intrapessoal) na tentativa identificar mais suas emoções usando-as favoravelmente.

O segundo encontro aconteceu no dia 21 de setembro de 2016 e teve como objetivo desenvolver práticas de respeito e cooperação entre os participantes estabelecer uma relação de comprometimento com o espaço utilizado. Tivemos como tema “Introdução a prática do karatê: posturas dentro e fora do tatame”, trabalhamos com as saudações utilizadas no karatê, aquecimento lúdico, atividades de parceria.

Utilizamos o tatame para que os participantes se familiarizassem com o ambiente, até então novo. Aproveitando a oportunidade esclarecemos que aquele seria o local onde nossas aulas iriam acontecer e que deveríamos zelar dos materiais e manter uma rotina que contribuísse na aprendizagem de conteúdos. Na ocasião simulamos alguns movimentos coletivos de cooperação e autocontrole, além de regras, por exemplo, toda vez que for sair ou entrar no tatame está descalço e obrigatoriamente cumprimentar. Regra esta aceita por todos os educandos e praticada em todas as aulas.

Como estávamos na primeira aula prática os alunos estavam ansiosos pra lutar e aprender as técnicas do karatê. No entanto, trabalhamos apenas um aquecimento lúdico para desenvolver e observar suas habilidades motoras. Todos que participaram das atividades não demonstraram dificuldade, como também colaboraram no desenvolvimento das atividades propostas e assimilaram bem o

sentido da saudação Oss, chegando a alguns momentos repetirem de forma espontânea fazendo menção do sim, do entendido.

Um fato que nos chamou atenção foi que um dos alunos não correspondia aos comandos, sendo necessário uso de estratégia cuja responsabilidade de liderança o colocaria em posição de destaque para os demais, dando a ele a responsabilidade de servir como exemplo, e assim prosseguindo com a aula normalmente. Todo o momento a outra participante do projeto (pesquisadora) auxilia os alunos em relação à postura como também em relação ao comportamento dos mesmos.

Assim, acreditamos que esse tipo de experiência consolida o modo de se fazer educação, pois, “a educação processa-se de acordo com a compreensão da realidade social em que está inserida, ou seja, a educação sofre influencia daquilo que a circunda” (KOHL, 2014, p. 51), com a diversidade encontrada e as experiências de vida proporcionaram momentos de reflexão cuja responsabilidade em manter o foco e dar mais oportunidades para os participantes, nos levou para um caminho de dedicação onde a função da escola não era simplesmente formar atletas, “muito menos lutadores e/ou competidores de uma modalidade” (RUFINO; DARIDO, 2015, p. 27), mas acima de tudo formar cidadãos críticos e com autonomia para gerar conhecimento, sendo a própria fonte do conhecimento, pois ao educar seus gestos, formas de agir e pensar instrui-se o outro, é o educar pelo ato, mostrando que tipo de postura é conveniente.

O encontro de número três aconteceu no dia 28/09/2016 e teve como tema: conhecendo as defesas. Trabalhamos os seguintes conteúdos: Saudações utilizadas no karatê, aquecimento lúdico, técnica de defesa alta (AGE-UKE) e atividade de pesquisa.

Por meio de aula compartilhada no tatame, levantamos diferentes formas de utilização da técnica, esclarecendo que a nosso corpo é uma arma e como praticantes devemos saber de nossas limitações e possibilidades de uso, restando sua prática inicialmente ao tatame (Dojo) e que toda ação irá desencadear uma reação, seja no karatê ou fora dele, sempre trabalhando questões de gênero, mostrando a eles que meninos e meninas são iguais tanto no tatame como também na vida fora dele. Já a pesquisa envolveu atividades vivenciadas em sala de aula, como por exemplo, os números pares e ímpares.

A aula foi bastante aguardada pelos alunos durante a semana. Questionamos se eles estavam empolgados, e mais uma vez alguns perguntaram quando iriam lutar. Diante dessa situação foram escolhidos 3 alunos (1 de cada turma) e realizamos uma luta com eles que não durou mais que 10 segundos. Aproveitamos e explicamos que não lutamos, porque primeiro devemos aprender como lutar. Em seguida ensinamos alguns golpes que exigiram deles esforço físico e cognitivo. Nessa aula optamos por introduzi-los de maneira mais direta no karatê, ampliando o leque de conhecimento deles em relação à luta.

A essa altura os educandos já se mostravam envolvidos com as atividades, motivo de alegria, nas quartas feiras em que o projeto era desenvolvido. Meninos e meninas compartilhavam momentos lúdicos e colaboravam para que a aula fosse a mais proveitosa possível. Fiscalizavam quando algum aluno tentava burlar as regras acordadas anteriormente ao usar o tatame, e assim se policiavam durante a semana em atividades rotineiras da escola.

A prática esportiva funciona como suporte para desenvolver as aulas, devendo ir além de ideias voltadas para o ensino do gesto motor, permitindo que o professor desenvolva a tarefa de problematizar, interpretar, relacionar e analisar diferentes práticas, proporcionando o despertar dos sentidos e significados (RUFINO; DARIDO, 2015). Por outro lado, a compreensão do ambiente escolar em sua totalidade, permite que os alunos deem novos significados aos momentos de aprendizagem ali vividos.

O quarto dia de aprendizagem aconteceu no dia 05/10/2018 e teve como temática: introdução à luta e regras de conduta de um lutador. Na ocasião trabalhamos algumas saudações utilizadas no karatê, aquecimento lúdico, técnicas de defesa e ataques, prática de luta em dupla (kumitê) e atividade de pesquisa.

Tivemos aula compartilhada no tatame, aproveitamos e explicamos as possibilidades de luta e regras comuns que deveriam ser seguidas, não distinguindo o gênero dos alunos e demonstrando que todos têm as mesmas capacidades e devem ser tratados com respeito, pois, em atividades anteriores houve certa resistência por parte dos meninos em fazer dupla com meninas, o que com o passar do tempo à aceitação e cooperação aconteceu de forma amistosa. Na aula procuramos atingir os objetivos de desenvolver práticas de respeito e cooperação

entre os participantes; explorar as regras do karatê destacando a importância do respeito mútuo; instigar no aluno o poder de autonomia e compromisso com a aprendizagem.

A aula mais uma vez foi bastante aguardada pelos alunos durante a semana. Fato que é relatado pelas professoras no momento em que o professor vai buscar os alunos em cada sala de aula. Recolhemos as atividades de pesquisa e guardamos para corrigirmos no final. A aula como sempre transcorreu de maneira satisfatória, ficando evidente que alguns alunos já se destacam em relação à compreensão e desenvoltura na aplicação dos golpes ensinados, como também, os alunos mais difíceis de cumprirem determinações.

Essa aula foi a mais didática em relação ao ensinamento da luta. Já foi possível a simulação de uma luta com enfrentamento em duplas, nesse momento, para desenvolver neles o sentido de igualdade, os combates ocorreram entre meninos e meninas, meninos e meninos e meninas e meninas. Ao final das lutas que duraram cerca de 20s cada, foi possível ver em todos eles a satisfação e a alegria de participarem dessa atividade. No final da aula foi dado o retorno das atividades e pedida uma atividade onde cada aluno na aula seguinte deveria relatar como foi o seu dia das crianças, já que na próxima semana não haveria aula por conta do feriado do dia das crianças.

É por esse e outros motivos que acreditamos que

o uso pedagógico da prática do karatê como meio de sociabilização pode contribuir significativamente para encaminhar os educandos ao domínio do ímpeto agressivo, exatamente porque direciona suas energias de forma saudável à cooperação e à socialização, criando um bem-estar para todos (TRAMONTIN; PERES, 2008, p. 4).

O bem estar evidenciado com o compromisso e cooperação presente não apenas nas aulas, mas no dia a dia com os demais membros da comunidade escolar, nos faz refletir sobre como a aprendizagem pode ser prazerosa quando aliada com a motivação e afetividade, compreendendo melhor o fazer pedagógico.

Dando continuidade ao projeto o encontro de número 05 aconteceu no dia 19/10/2018. Teve por tema brincadeiras de lutas, com o seguinte conteúdo:

saudações utilizadas no karatê, brincadeiras lúdicas, técnicas de defesa e ataques, luta com bolinhas de sabão, atividades com bambolês e jogos em duplas.

Por meio de aula compartilhada no tatame, explicamos as possibilidades de brincadeiras lúdicas que auxiliem no desenvolvimento motor e que podem ser praticadas em nosso dia a dia, como é o exemplo da carrocinha, da amarelinha e do pular corda. Depois realizamos um momento da luta com bolhas de sabão onde os participantes devem trabalhar com velocidade para estourarem as bolhas com as técnicas aprendidas no karatê. No terceiro momento exploramos como poderíamos aperfeiçoar as habilidades com o bambolê. Por fim montamos um roteiro com atividades de competição de conquista onde os alunos concorreram para ganhar as fitas que estão coladas na roupa de cada um. Ao término das aulas os alunos tomaram sorvete em comemoração prorrogada do dia das crianças.

Na aula aproveitamos para comemorar o dia das crianças, com brincadeiras cujas atividades foram bastante enérgicas e os educandos contribuíram com o desenvolver da temática, brincando perceberam a importância da cooperação e do respeito ao próximo, já vista as brincadeiras eram divididas por equipes e duplas. Todos os alunos participaram e não houve críticas.

Numa conversa descontraída iniciamos a aula com os relatos dos alunos sobre a comemoração do feriado do dia das crianças. A maior parte das turmas passou o dia com familiares ou em ações sociais nos bairros com gincanas e entrega de brinquedos. O dia das crianças ficou marcado por um dia de não ir à escola, mas também um dia que não teve aula de karatê.

Educandos tem a oportunidade, por meio da ludicidade, de desenvolver a integralidade do ser humano “dando possibilidades aos atores para construírem seus sentidos referentes ao conhecimento a partir de significados construídos na historicidade dessa construção histórico-social humana” (KOHL, 2014, p. 115). A construção de diferentes saberes e práticas não ocorre de forma clara em sua maioria, o contato direto e a sensibilidade em observar os gestos e ações dos participantes permite traçar um panorama de como e por onde seguir, e ao brincar a criança manifesta capacidades e saberes antes não vistos.

No encontro de número 06, ocorrido no dia 26/10/2016, o tema da aula foi trabalhando diferentes distâncias com o Gyaku-Zuki (golpe de mão contrário da

perna). O conteúdo trabalhado foi: saudações do karatê e a utilização do Gyaku-Zuki.

Por meio de aula compartilhada no tatame, trabalhamos as diferentes situações onde podemos executar o Gyaku-zuki, de modo que perceberam a distância entre seu corpo e o oponente. Posteriormente executamos as técnicas por meio de simulação de luta, onde os participantes não poderiam tocar no adversário, desenvolvendo o autocontrole, buscando alcançar o objetivo principal de proporcionar o conhecimento e funcionalidade do golpe, como também, desenvolver uma noção de espacialidade.

A aula transcorreu de forma disciplinada. Os educandos entenderam que seria necessária atenção para executarem as técnicas de forma eficiente e que o movimento do corpo é repleto de detalhes. A cooperação das turmas permitiu uma fixação melhor do conteúdo trabalhado, motivo este que foi elogiado e que proporcionou demonstração de outras técnicas e seus respectivos usos, tendo por base o autocontrole.

Os educandos se mostraram atentos, pacientes e ansiosos para executarem os movimentos. Respeitaram as regras discutidas ao longo das aulas e por esse motivo inserimos novas técnicas ao seu repertório, funcionando como incentivo à prática da boa conduta. Elogiamos as turmas e agradecemos a colaboração.

Nessa aula pudemos perceber o quanto a insistência em fomentar a reflexão sobre práticas coletivas de respeito é importante, pois, “o exercício da disciplina possibilita o desenvolvimento da autorregulação, tornando mais estáveis as relações do sujeito no conjunto da sociedade” (FERREIRA, 2010, p. 104). Com essa definição vivenciada na prática as atividades tomaram um rumo mais claro de como conduzir os próximos encontros, com a disciplina mais desenhada e cada vez mais evidente, atuando como facilitador da aprendizagem.

Passado seis encontros, chegando a metade das aulas previstas, com diferentes vivências, chegamos ao encontro de número sete no dia 09/11/2016, cuja temática foram as saudações e posturas (Heiko-Dachi, Haisoku-Dachi e Zazen).

Por meio de aula compartilhada no tatame, trabalhamos as diferentes situações de saudações onde os alunos executaram de forma simultânea as

saudações e posturas, de modo que trabalhe a confiança, permitindo práticas introspectivas sobre o comportamento humano, o que envolve o conhecimento de si e o respeito ao próximo, visando alcançar o seguinte objetivo: praticar posturas de modo que auxiliem na reflexão dos movimentos corporais como também, entender o porquê de cada saudação.

Conforme a aula acontecia os educando tiveram contatos com diferentes posturas do karatê. Ao executarem as técnicas perceberam que para cada situação existe uma postura diferente, cabendo ao praticante escolher que tipo de uso fará. Nessa aula as saudações foram enfatizadas de modo que o respeito mútuo fosse instaurado, onde a harmonia coletiva prevaleceu. Trabalhamos principalmente a concentração e o significado que o gesto da saudação tem sobre os praticantes de artes marciais como um todo.

O fato de estarem diante de novas situações que envolvem o raciocínio e o respeito, por meio da saudação e da postura, levou os educandos a tomar posturas coletivas, pois, os movimentos eram uniformes e toda turma deveria fazer ao mesmo tempo, criando assim, uma saudação coletiva. Rotina esta, vivenciada em todas as aulas, dando maior ênfase as posturas utilizadas em cada situação, quer seja numa apresentação e outras atividades formais como competições.

Ao analisar as vivências e significações ali presentes, percebemos que os educandos tomaram a iniciativa de se reconhecer enquanto grupo, com características comuns, nesse caso: o comportamento. Nesse caso podemos discutir acerca da mudança de comportamento, tomando para si atitudes que antes não eram praticadas, tais como o respeito e o trabalho em equipe. Sendo assim, o processo civilizador aqui discutido é “marcado, dentre outros elementos, pela introjeção da autorregulação e pela racionalização de impulsos passionais” (FERREIRA, 2010, p. 96). Os educandos participantes do projeto já recebiam elogios das professoras e funcionários que tinham contato direto com eles, e suas atitudes e mudanças no comportamento eram visíveis, motivo este que em todos os encontros procurávamos saber dos próprios alunos se algum deles cometeu alguma transgressão oposta àquelas praticadas nas aulas.

No encontro de número oito que aconteceu no dia 16/11/2016 a temática foi uma revisão das saudações e prática do Age-uke (defesa alta) e Mae-geri (chute

frontal). Trabalhamos com os seguintes conteúdos: saudações do karatê e bases (Heiko-dachi, Haisoku-dachi e Zazen) com execução de técnicas (Age-uke e Mae-geri).

Por meio de aula compartilhada no tatame, fazer demonstração das saudações e posturas, estimulando a percepção e respeito individual. Posteriormente, formar um grupo com todos os participantes, de modo que se sintam capazes de executarem as técnicas sem comprometer a dinâmica do grupo, com objetivo de proporcionar o autocontrole e o respeito ao espaço do colega criando uma noção de uniformidade entre os praticantes.

Como os educandos já tinham contato com algumas posturas e técnicas e estavam familiarizados com o comportamento dentro e fora do tatame, formamos fileiras para executarmos técnicas de karatê de modo que liberassem energia e ao mesmo tempo treinassem o autocontrole, pois, não estávamos trabalhando a luta em si, mas a execução de movimentos que antecedem a luta. Nessa aula os alunos se mostraram bastante satisfeitos ao perceberem que estavam dominando posturas, técnicas e acima de tudo criando vínculos com os demais participantes do projeto, que antes não existiam.

O entusiasmo da turma em querer aprender cada dia mais, permitiu as professoras desenvolverem trabalhos interdisciplinares no dia a dia da escola, que tiveram resultados satisfatórios, principalmente relacionando-os as artes e produção textual. Sobre interdisciplinaridade Fazenda (1996) afirma que é a forma de modificar e compreender o mundo, considerando-se que esse mundo se apresenta de múltiplas e variadas formas.

Por outro lado, o despertar do autocontrole, cria um processo que pode ser chamado de autorregulação. Elias (1994, p. 91) defende que:

O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes tona-se mais estrito, em comparação com a fase precedente.

A prática do karatê associada com o entusiasmo das professoras permitiu que a próxima aula fosse desenvolvida com as três turmas participantes do projeto. E

diferente das aulas anteriores, esta foi desenvolvida em conjunto com as docentes, resultando numa exibição de um filme sobre lutas (KARATÊ KID).

O encontro do dia 23/11/2016 foi o de número nove. Na ocasião os alunos das três turmas se reuniram pela primeira vez para assistirem ao filme Karatê Kid. Por meio do filme procuramos instigar o compromisso das turmas em zelar pela aprendizagem e cooperação com os demais membros da comunidade escolar, permitindo a autorreflexão.

Conforme mencionamos, o filme foi o primeiro momento em que as três turmas se reuniram e compartilharam do mesmo conteúdo simultâneo. Prestaram atenção e refletiram sobre seus ensinamentos e como vivenciam situações parecidas no dia a dia. O que chamou atenção foram os relatos de alguns alunos ao fazerem a comparação do filme com o projeto vivido na escola, como também a produção de textos evidenciaram os principais pontos observados na sessão, dentre eles o autocontrole.

Na produção textual que os educandos desenvolveram, além de ficar evidente a comparação das cenas com as vivenciadas no projeto, percebemos que no geral a mensagem transmitida foi a do autocontrole e respeito, pois a produção cinematográfica transmite a mudança de hábitos de um menino pobre, negro e da periferia que ao ter contato com a arte marcial muda seu modo de agir e sua conduta diante de outras pessoas.

Esse tipo de atividade é importante “para alcançar determinados objetivos que não apenas abranjam capacidades cognitivas, mas também incluam as demais, como as capacidades motoras, afetivas de relação interpessoal e de inserção social” (ZABALA, 1998 apud RUFINO; DARIDO, 2015, p. 29). Deste modo, o enfrentamento das diferenças e o incentivo para ascender socialmente, permite que os educandos se empenhem naquilo que acreditam ser uma oportunidade, cujo resultado pode ser diverso, no entanto, compartilham de ensinamentos comuns, pertinentes a toda e qualquer comunidade que tem por base o respeito.

A aula de número dez aconteceu no dia 30/11/2016 e teve como tema: técnicas em grupo. Contou com a execução das técnicas de forma coletiva de modo que entenderam que em uma apresentação a sintonia dos praticantes deve está equilibrada, respeitando sempre o tempo de cada indivíduo, chagando ao consenso

de como se apresentar, buscando atingir o objetivo principal de executar técnicas de karatê em grupo, proporcionando o respeito e o autocontrole.

A aula foi bem prática e objetiva. Os alunos já estavam familiarizados com o karatê e sua rotina de respeito e saudações. Por este motivo permitimos um dia exclusivo para prática de karatê em sua essência, trabalhamos principalmente técnicas e posturas.

Conforme as turmas respondiam aos comandos e acordos firmados coletivamente, as aulas se tornaram mais fáceis de serem ministradas, pois, o respeito mútuo era prática constante e nesse dia em especial lhes foram dada a oportunidade do treinamento na íntegra de noções básicas do karatê, que mais uma vez foi motivo de satisfação reverberada no esforço individual e coletivo.

Nesse momento dialogamos diretamente com os saberes docente de como ensinar, e ainda mais nos resultados obtidos, depois de tentativas e erros conseguimos consolidar uma rotina saudável e crítica, com elementos novos de cooperação e acima de tudo respeito relacionado ao comportamento. Assim, percebemos que

[...] ensinar não se esgota no 'tratamento' do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1996, p. 13).

A rigorosidade metodológica no qual aconteceram as aulas permitiu que aos poucos fossem instauradas noções básicas de convivência, dentre as quais podemos destacar: o respeito, a cooperação, o compromisso em querer aprender e a responsabilidade pelos seus atos (individuais e coletivos).

A aula de número onze aconteceu no dia 07/12/2016 e teve como tema: trabalhando apresentação para outras turmas e público em geral. Na ocasião ensaiamos como poderíamos apresentar de forma breve e coletiva o que aprendemos no projeto, levando em consideração as saudações, posturas e comportamentos pertinentes a um praticante de arte marcial e acima de tudo um

cidadão comprometido com a comunidade escolar como um todo, respeitando as regras as quais estão submetidos e as situações diversas do dia a dia.

Discutimos sobre o que poderia ser apresentado na culminância do projeto. Então, executamos técnicas, posturas e saudações aprendidas durante o tempo em que as aulas foram ministradas. Reforçamos que deveríamos mostrar que os participantes assumiram uma postura ética diferente do início e que estavam mais comprometidos com o fazer pedagógico dentro e fora da sala de aula.

A aula de ensaio transcorreu de forma tranquila e dentro do planejado. Os educandos colaboraram com as informações repassadas e se sentiram acolhidos com o projeto de modo que queriam continuar com as aulas e que queriam que fosse mais vezes na semana.

Os acontecimentos ali vividos nos permitiu mudar nosso pensamento sobre o que é educação e escola. Educação antes vista como uma forma de fazer as coisas acontecerem de forma pragmática numa escola onde os espaços colaborem para essa aprendizagem acontecer. Depois dessa experiência pudemos ver que a Educação se manifesta de diferentes formas, e não apenas na sala de aula e/ou escola, esta segunda com caráter transformador e “nesse norte, defendemos uma escola que seja democrática para todos(as), com caráter social que cultive a curiosidade para o estudo, numa aprendizagem criativa” (KOHL, 2014, p. 53).

Ainda que empecilhos didáticos dificultem o desenvolvimento pedagógico, a prática deve ser pautada na práxis, que é a ação e reflexão sobre o mundo, a partir de movimentos com intencionalidades transformadoras, em que o homem tem a consciência da realidade para poder refletir e questionar a mesma, reconhecendo sua condição no mundo e, conseqüentemente, ter como transformar e transformar-se (Idem, p. 56). Assim, aquele ambiente tem característica e perspectiva de mudança, onde os atores principais produzem conhecimento e ao mesmo tempo criam condições favoráveis para a aprendizagem se consolidar.

O encontro de número doze aconteceu no dia 14/12/2016 e teve como tema: A culminância do projeto. Com objetivo de sistematizar com as demais turmas e comunidade escolar como um todo os conhecimentos vivenciados durante as doze semanas, nas quais nos esforçamos para manter um ambiente descontraído e favorável para aprendizagem acontecer.

Na quadra da escola executamos posturas, saudações e técnicas que foram vivências no decorrer dos encontros, como também enfatizamos a colaboração da comunidade escolar para que as atividades transcorressem de forma objetiva e conexa.

O último contato prático com as turmas foi bem proveitoso. Os educandos se mostraram entusiasmados e agradecidos com as vivências, vindo a se pronunciarem em forma de discursos, gestos e sorrisos. A comunidade escolar agradeceu a colaboração e enfatizou que o projeto modificou o fazer pedagógico das turmas, contribuindo com a fomentação de práticas que são essenciais na vida de qualquer cidadão: o respeito, compromisso e ética. Elementos sem os quais não seria possível desenvolver nossa proposta.

Esta foi a primeira vez que as turmas fizeram apresentação juntas e se comportaram a altura, como também executaram as técnicas conforme o planejado. Ao término, além das lembranças pessoais que cada educando vai carregar consigo, confeccionamos uma lembrança física: um saquinho de doces. Despedimo-nos na esperança daquelas crianças continuarem a usufruir dos ensinamentos, dos quais um dos mais importantes é o respeito a si e ao próximo.

Compreendemos que as experiências naquele espaço consolidaram saberes que permitiram usufruir de práticas cuja significação seja voltada para “a produção de conhecimentos relativizados, entendidos a partir das circunstâncias, dos sujeitos e dos lugares sociais daqueles que os elaboram e divulgam” (GIROTTI; CASTRO, 2013, p. 183), proporcionando o bem estar e qualidade suficiente para fomentar um fazer pedagógico diferenciado, dinâmico e transformador.

O que nos leva a crer que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12), cujo papel do educador é criar um ambiente de socialização e troca de saberes, que contemplem a formação do ser pensante e atuante sobre sua própria forma de agir.

Ações desse gênero são de fundamental importância, pois, além de instigar a curiosidade sobre uma nova forma de ver o mundo possibilitam práticas que trabalhadas em conjunto com as demais áreas do conhecimento potencializam a fixação de conteúdos.

No tópico seguinte abordaremos a visão das professoras sobre os conteúdos trabalhados, contribuições, expectativas e principalmente as mudanças significativas percebidas durante a execução do projeto.

6.2 Entrevista com as professoras

Durante as doze semanas contamos com a participação direta das três professoras titulares de cada turma. Diferenciadas no modo de agir, mas a partir do momento que conheceram o karatê tiveram um elo para aproximar mais as turmas e os conteúdos ali trabalhados.

A seguir iremos detalhar as falas, que por sinal foram bem pontuais e com respostas parecidas, isso prova que a leitura de nosso trabalho conseguiu atingir os objetivos em mudar o hábito e comportamento daqueles que participaram das atividades.

A entrevista aconteceu no dia 20 de dezembro de 2016, onde coletamos dados pessoais e de atuação na área educacional de cada professora, permitindo conhecer um pouco mais dos profissionais que estavam à frente das turmas participantes, como também saber o entendimento e ponto de vista que elas tinham sobre a referida arte: o karatê.

A professora 01 possui magistério e é formada em Pedagogia, atuando em sala de aula há seis anos, sendo efetiva no município e leciona na escola há cinco anos. A professora 02 é graduada em Pedagogia atuando há cinco anos na rede particular de ensino e como professora contratada há um ano na escola onde foi desenvolvida a pesquisa. A professora 03 Possui graduação em Pedagogia e trabalha há quinze anos na área da educação e na escola da pesquisa atua há um ano.

Na ocasião as professoras assinaram um Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE) informando do teor da entrevista e seus objetivos, como também a não obrigatoriedade de resposta e que se tratava de uma pesquisa sem fins lucrativos.

6.2.1 Conhecimento prévio e perspectiva do projeto

Ao serem questionadas sobre o entendimento do karatê e a sua perspectiva com relação ao projeto responderam:

Antes eu não conhecia o karatê só através de filmes, ao iniciar o projeto já vi que ia ter um bom rendimento porque ia trabalhar muito a concentração e a disciplina do aluno e me surpreende (PROFESSORA 01).

Não, como falei pra vocês, o karatê quando fiquei sabendo, fiquei meio confusa porque os meninos já são muito agitados, antes esses meninos do jeito que são vão aprender uma coisa lá e podem trazer de outra forma pra dentro da sala de aula, mas através do que vocês ensinaram eu percebi que não era realmente. Não tinha conhecimento do que era (PROFESSORA 02).

O que eu conhecia é que era um esporte disciplinar. O trabalho é excelente, é um trabalho de responsabilidade e orientação, ajudando as crianças na concentração em suas organizações, gostei muito, o projeto é muito bom (PROESSORA 03).

Conforme resposta da Professora 01, podemos ver que ela nunca teve contato com a modalidade, como também desconhecia os fundamentos da arte. Porém, reconheceu que a disciplina e a concentração poderiam contribuir no rendimento escolar dos alunos.

Na fala da professora podemos perceber que mesmo sem ter domínio do conteúdo que seria trabalhado, tem esperança no melhor rendimento auxiliando na construção do saber. E como “o karatê colabora para formação integral do homem, atuando principalmente sobre a formação da personalidade” (SASAKI, 1995, p. 20), aquelas crianças estavam diante de uma oportunidade única, que uma vez iniciada a prática poderia trazer resultados satisfatórios.

Percebemos então que a falta de conhecimento presente na fala da Professora 02 sobre a modalidade (karatê) foi motivo de desconfiança. Por conhecer nosso público alvo a professora ficou receosa com o implemento de práticas de luta, sob o argumento que poderia ser prejudicial ao comportamento, dentro da sala de aula.

No entanto, com o passar do tempo à didática mostrou que o fazer pedagógico utilizou das vontades dos atores participantes, buscando canalizar de forma positiva o que antes apenas era repreendido, por ser vista como uma ação agressiva. Ter contato com o outro é uma característica tipicamente humana, carregado de agressividade ou não, onde “o ato de agredir pode ser considerado como uma forma de entrar em contato ou de comunicar e dirigir a emoção aos outros, de emitir tentativas de relacionamento humano, podendo ocorrer de maneira negativa ou positiva” (TRAMONTIN; PERES, 2008, p. 2), e dependendo do grau de proximidade as interpretações sofrem alterações do que venham de fato ser.

No caso do karatê, o contato com o outro nada mais é do que uma tentativa de conhecer seus limites e comunicar-se através dos gestos, respeitando-se as capacidades individuais e ao mesmo tempo testando seu potencial. Não estamos aqui falando de agressão, mas da sensibilidade de trabalhar os sentidos, tendo por base o comportamento do outro.

Ao analisar a fala da Professora 03 percebemos mais uma vez que o comportamento apareceu como sendo um ponto positivo, além de ser a única que respondeu que o karatê é um esporte disciplinar.

A disciplina não é algo exclusivo dos praticantes de karatê, ela está presente em todos os ambientes onde há respeito e organização de pessoas. E na escola ela surge como sendo uma prática educativa, ora vista erroneamente como punitiva que amedronta e intimida. A disciplina que acreditamos e a mesma empregada aqui é a do “indivíduo zeloso, dedicado, que busca incessantemente a perfeição e a harmonia em todos os seus campos de atuação, seja em âmbito social, profissional ou mesmo em afazeres do cotidiano” (MOCARZEL; MURAD, 2012, p. 94), visando melhor convivência e otimização de suas ações, vista pelo próprio indivíduo e pelos outros.

6.2.2 Avanços observados com a prática do karatê

A segunda pergunta foi: depois do projeto, quais os avanços significativos que você pode considerar?

A Disciplina, falta de reclamação de brigas no intervalo. Eles ficaram mais centrados, sem falar que o karatê deu um ânimo a eles, levou para o lado do esporte, a parte: participar, interagir com o colega, sem brigas sem agressão (PROEFSSORA 01).

Em primeiro lugar o comportamento mudou muito o aprendizado deles, eles já estavam incentivados, mas se sentiram mais incentivados ainda na leitura na escrita. Eles melhoraram muito, bastante (PROFESSORA 02).

O avanço em comportamento e disciplina, de um aluno com o outro no respeito, na descoberta da atividade como esporte (PROFESSORA 03).

A resposta da Professora 01 revelou um dado antes não percebido, pois, como nós não estávamos todos os dias na escola não sabíamos da rotina e incidentes que aconteciam nos intervalos. E a professora foi pontual afirmando que existiam brigas e agressões.

A mudança comportamental é apenas um dos objetivos do praticante de karatê. O indivíduo cortês, zeloso, atencioso e comprometido para o desenvolvimento das faculdades mentais representa bem a imagem do carateca, cuja, “a prática do karatê deve ser realizada de forma correta e completa, compreendendo sua finalidade, seus objetivos e sua aplicação prática na moralidade social” (SASAKI, 1995, p.85). Como vivemos em sociedade não devemos esquecer dos princípios éticos que nos circundam exigem de nós posicionamentos, pertinentes não apenas a praticantes de arte marcial, mas a todo cidadão responsável e comprometido por uma comunidade com menos desigualdade social.

A professora 02 mais uma vez traz o comportamento à tona, porém de forma positiva. Saber porta-se diante da sala de aula e situações do cotidiano parecia tarefa difícil para aqueles alunos do terceiro ano daquela escola. Mas a pergunta que podemos fazer é: que tipo de intervenção poderia surtir efeito sobre o comportamento daquelas crianças?

O que sabemos é que não tínhamos a intenção de formar atletas. Nosso objetivo maior era dá suporte para que os educandos refletissem sobre suas atitudes. Em outras palavras, nosso objetivo principal era fazer com que as atitudes daquele público – os alunos dos terceiros anos do ensino fundamental da Escola Municipal Governador Miguel Arraes – fosse o exemplo para as demais turmas com

relação a mudanças de hábitos e condutas, assim, vistos pela comunidade escolar a qual pertenciam como indivíduos ativos capazes de discernir sobre o comportamento mais adequado para cada situação, assemelhando-se ao processo civilizador, este marcado pela “[...] mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1993, p. 193), adequando-se as situações diversas do cotidiano escolar.

O processo civilizador ao qual nos referimos é “marcado, dentre outros elementos, pela introjeção da autorregulação e pela racionalização de impulsos passionais” (FERREIRA, 2010, p. 96), e a personalidade que antes era vista como empecilho para aprendizagem, agora passa a ser elemento impulsionador da mesma.

A fala da Professora 03 foi bem pontual e objetiva. Percebemos que o ponto forte foi o disciplinamento de modo que conseguimos fomentar a mudança no comportamento individual e coletivo, práticas importantes para conviver de maneira ordeira dentro e fora da sala de aula.

Educar pelos sentidos é uma tarefa que requer muita prática, às vezes os sentimentos são externados e em outros momentos nem tanto. Deparamo-nos com um tipo de educação moral onde a disciplina se manifesta “[...] como uma força estruturadora da vida social, devendo por isso ser ensinada ao conjunto da sociedade por intermédio da escola e do processo educacional” (FERREIRA, 2010, p. 104), acreditando que “é autocontrolando seus impulsos que o educando melhor conduzirá sua vivência em sociedade” (*Idem*, p. 106) e como nossa proposta buscou contemplar práticas reflexivas, a possibilidade da aquisição de novas posturas de conduta pessoal se consolidavam a cada dia que iniciávamos nossos trabalhos.

6.2.3 Observações finais

No terceiro questionamento procuramos retirar de forma mais direta as observações que lhe chamaram atenção no decurso das atividades. Perguntamos o seguinte: as atividades desenvolvidas durante as aulas de karatê contribuíram para aprendizagem deles? Obtivemos as seguintes respostas:

Sim, muito, como o projeto trabalhou a concentração deles a gente vê que eles ficaram mais centrados (PROFESSORA 01).

Foi tudo ótimo, foi bom, gostei muito vocês, estão de parabéns (PROFESSORA 02).

Uma observação positiva: gostei do projeto, deveria se repetir ser trabalhado mais no próximo ano, para trabalhar com outras crianças da própria escola se possível. Em questão de comportamento esse foi o meu ponto positivo que observei como projeto (PROFESSORA 03).

A fala nos leva para o foco da concentração. Então, ao utilizar o uso pedagógico da prática do karatê como meio de sociabilização, acreditamos que “[...] pode contribuir significativamente para encaminhar os educandos ao domínio do ímpeto agressivo” (TRAMONTIN; PERES, 2008, p. 4). E não apenas inibe um comportamento antes pouco praticado, mas “[...] direciona suas energias de forma saudável à cooperação e à socialização, criando um bem-estar para todos” (*Idem*). Não restando dúvida que a mudança de atitude requer rigorosidade e constância, que os educandos talvez enxergaram nas aulas que aconteciam todas as quartas em que nos fazíamos presentes.

Ser reconhecido pelo trabalho é um dado que mostra estarmos no rumo certo, além da experiência adquirida pudemos perceber que a afetividade e acolhida dos profissionais foi de fundamental importância para conduzirmos os trabalhos, mantendo assiduidade, comprometidos em dar nosso melhor.

Ao reconhecer nosso trabalho as professoras reforçam a ideia de que “a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender” (BRANDÃO, 2007, pp. 9-10), e o karatê se mostrou como uma alternativa na construção de um saber docente, penetrando onde as disciplinas ministradas na sala de aula não foram o suficiente para modificar o comportamento daqueles indivíduos, trabalhando em conjunto percebemos que fazer educação é um processo com minúcias onde o esforço constante em querer fazer e se doar mais traz bons resultados.

Fazer educação é entender que “ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder” (BRANDÃO, 2007, p. 14), onde os interesses coletivos sobrepõem os individuais.

Analisar as falas das professoras que atuaram de forma conjunta no projeto nos fez perceber que não foram apenas os educandos que mudaram os conceitos sobre o karatê, comportamento e disciplina. As professoras também ampliaram seus conhecimentos sobre a arte, práticas e metodologias, tiveram contato com um fazer pedagógico fora da sala de aula, mas dentro dos conteúdos trabalhados nas disciplinas ministradas no dia a dia.

Sem o envolvimento docente a missão de educar para uma formação cidadã seria mais difícil, e um simples gesto pode fazer toda diferença, no nosso caso o incentivo foi à prática do karatê, que se adequou à escola e logrou êxito na formação humana daqueles que participaram das atividades. Pudemos perceber que além de vivenciarem as mudanças dos alunos na prática, as professoras perceberam que com abordagens diversificadas de conteúdo os alunos centram-se mais nas atividades e como resultados: a concentração, respeito e autocontrole permitem uma melhor fixação dos assuntos ali trabalhados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a prática do karatê deve ser associada à formação humana, esta evidenciada com maior ênfase ainda na infância no seio familiar e principalmente na escola, lugar onde é despertado o senso crítico por meio da construção da autonomia.

Como aprendemos? Acreditamos que aprendemos com as diferenças, com as experiências adquiridas e pelo contato do outro, aprendemos também por intermédio de professores, de nossos pais, irmãos mais velhos... Aprendemos diante de situações inovadoras que nos forcem a buscar soluções, fomentando o mover do pensar, resultando em um novo saber.

Este trabalho discutiu sobre mudanças de comportamento através de reflexões sobre o processo civilizador, mas também abordou sobre as atitudes e hábitos nos dias atuais, pois, observamos durante a pesquisa que o comportamento se manifesta de maneiras distintas, cabendo à sociedade ditar as regras de que tipo de conduta é conveniente para manter o controle e bem estar social.

O processo de civilização iniciou com a formação de grupos que mudaram hábitos, resultando em alianças, posteriormente surgiu à necessidade de intervenção do Estado como meio de institucionalização, e a escola é uma dessas formas de institucionalização, tomando para si uma nova forma de pensar, como característica coletiva no modo de agir.

Então, obedecendo à coletividade, toda e qualquer prática no ambiente escolar deve levar em consideração a identidade plural, assim o karatê foi implantado: como mais um objeto que auxilia na consolidação de práticas sociais, que aliadas ao fazer pedagógico trouxeram bons resultados, dentre os quais se destacam: assiduidade, ética, respeito e compromisso social para com aprendizagem.

Nos anos iniciais do ensino fundamental o karatê se mostrou importante na consolidação de conteúdos, não trabalhando os conteúdos em si, mas colaborando para que estes fossem ministrados com mais ânimo, pois, a atenção empregada durante as aulas de karatê foi aos poucos contagiando as demais aulas, despertando assim, a ânsia em aprender por meio da observação e do contato com o outro, respeitando sempre os espaços coletivos e individuais.

Portanto, acreditamos que a prática do karatê contribui na aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, pois é nessa fase que o educando desperta o senso crítico e busca a autonomia, e sua prática incentiva boas condutas que aliadas com a proposta pedagógica atua como motivação para o desenvolvimento cognitivo e a formação humana.

Vale ressaltar que a pedagogia orienta o educando para os caminhos que deve seguir, e assim se chegar à aprendizagem. Nesse sentido, o karatê atuou como um dos caminhos, com suas práticas de valorização humana que despertou nos educandos a ânsia de uma aprendizagem de conteúdos que perpassam as

vivências da sala de aula, tornando-se a Educação um ato presente não apenas na comunidade escolar, mas em todos os lugares.

REFERÊNCIAS

ACÁCIO, C. **As contribuições biopsicossociais da prática do karatê para o desenvolvimento das crianças de 06 a 12 anos no município de Cocal do Sul**. 2011. 51 f. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física)-Curso de Educação Física, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

ALVES, G. R. S. **As primeiras formas de organização do karatê-Dô Shotokan: história da institucionalização desta arte marcial em Belém do Pará**. 2008. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/as-primeiras-formas-de-organizaao-do-karate-do-shotokan-historia-da-institucional>>. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

BOCK, A. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 49 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física, 3/ e 4/ ciclos**. Brasília, DF, 1998. v. 7.

CBK. **Confederação Brasileira de Karatê**. Disponível em: <<http://www.karatedobrasil.com/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

DIONNE, H. **Pesquisa ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

DUNCAN, O. **O karatê júnior**. São Paulo: Ediouro, 1995.

DURKHEIM, E. **A Educação Moral**. Trad. Raquel Weiss. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman. Revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. 2 v. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann. Revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 4ed. Coleção realidade educacional– IV. São Paulo: Loyola, 1996.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, I. C. A (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, A. Educação Moral como autocontrole e racionalização: lendo Durkheim sobre o olhar de Norbert Elias. In: SOUZA, E. F. de; SIMÕES, J. L (Orgs.). **Escritos a partir de Norbert Elias**. v 2. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

FLICK, U. **Introdução à metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a História do Karatê Contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 297-312.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Do Kyohan**: o texto mestre. Tradução Wagner Bull. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2014. 272 p.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Do**: meu modo de vida. São Paulo: Cultrix, 1994.

FUNAKOSHI, G; NAKASONE, G. **Os vinte princípios fundamentais do karatê**: o legado espiritual do Mestre. Tradução Henrique A. Rêgo Monteiro. São Paulo: Cultrix, 2005.

GRANDO, R, C. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula**. 2000. 239 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas-SP, 2000.

HUIZINGA, J. A natureza do jogo como fenômeno cultural. In: HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, pp. 1-30.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOHL, H. G. **Gingando na prática pedagógica escolar**: expressões lúdicas no quefazer da educação física. Recife: Editora UFPE, 2014.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 2012.

MOCARZEL, R. C. da S; MURAD, M. Sobre o *homo disciplinatus*: uma visão sócio-antropológica do artista marcial. **Corpus et Scientia**, v. 8, n. 2, p. 87-98, out. 2012. Disponível em <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/28/25>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola**: possibilidades para a educação física. Porto Alegre: Penso, 2015.

SASAKI, Y. **Karatê-dô**. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SENSEI. In: SOARES, J. G. G. **Dicionário técnico de artes marciais japonesas**. São Paulo: Ícone, 2007. p. 280.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, E. F. de; SIMÕES, J. L (Orgs.). **Escritos a partir de Norbert Elias**. v 2. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

TRAMONTIN, Z; PERES, L. S. **O karatê como ferramenta minimizadora da agressividade no ambiente escolar**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1933-8.pdf>>. Acesso em: 03 de julho 2016.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 2003.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Editora Rêspel, 2010.

APÊNDICE A – Termo de Compromisso Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE GARANHUNS

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “KARATÊ E EDUCAÇÃO: RESPEITO ACIMA DE TUDO”, sob a responsabilidade dos pesquisadores ADEILDO GOMES DA SILVA e PERA LÚCIA R. SILVA, a qual pretende identificar as principais contribuições na formação cidadã dos sujeitos que participaram do projeto, como também, práticas que contribuíram nas relações de aprendizagem no ambiente escolar. Sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário que você responderá com perguntas abertas e fechadas sobre a temática da formação continuada. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a realização desta pesquisa. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores nos endereços adeildogomes01@hotmail.com / panferes@hotmail.com ou pelos telefones (87) 9 96216966/ (87) 9 99695207.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____
 , fui informado sobre o que os pesquisadores querem fazer e porque precisam da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este

documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelos pesquisadores, ficando uma via com cada um de nós.

Garanhuns, 20 de dezembro de 2016

Assinatura do participante

Assinatura dos Pesquisadores Responsáveis

APÊNDICE B – Atividade de demonstração de técnicas



APÊNDICE C – Atividade de luta com protetores de tórax.



APÊNDICE D – Registro oficial do último dia de aula



ANEXO A - Atividade de produção textual



ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR MIGUEL ARRAES DE ALENCAR

NOME: _____

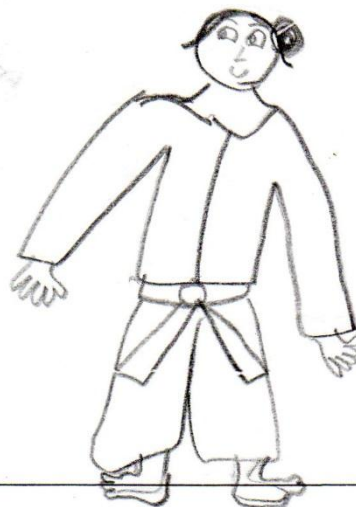
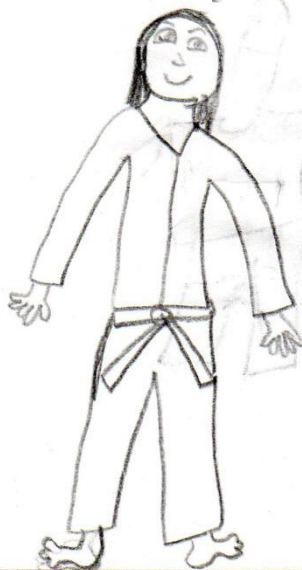
TURMA: 3ano Turno: MANHÃ PROFESSOR (A): maria DATA: 24/11/16

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

E
D
U
C
A
RP
A
R
AM
U
D
A
R

Karate

A menino Istaro como segue
centrados. De repente o menino
chegou e se agarrou no braço
do outro. Então ficou suando
com danil a lutar Karate?
o pai de nos morreu. O menino
maneu a luta a danil e
maneu. Para se ficar
lutando.



ANEXO B – Atividade de produção textual



ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR MIGUEL ARRAES DE ALENCAR

NOME: _____

TURMA: _____ Turno: MANHÃ PROFESSOR (A): _____ DATA: 21/11/2017

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

E
D
U
C
A
RP
A
R
AM
U
D
A
R

Karate

O Karatê é feito para se defender e para praticar sem que ninguém possa se machucar. O menino que aprendeu a lutar Karatê é o nome dele era Daniel, o mestre dele era o Daniel para ajudar para Daniel aprender e também para ajudar a aprender em casa em três pedras, mas Daniel não quer o mestre dele porque ele quer ser o mestre de Daniel e Daniel quer ser o mestre dele e fazer para todos.



ANEXO C – Atividade de produção textual



ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR MIGUEL ARRAES DE ALENCAR

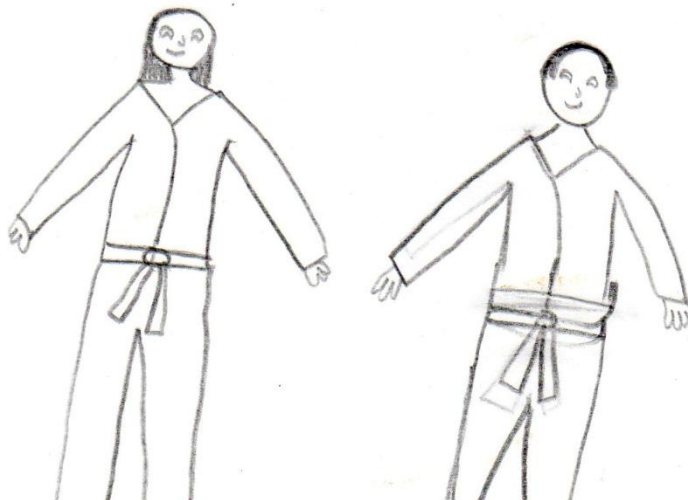
NOME: _____

TURMA: 3 A Turno: MANHÃ PROFESSOR (A): maria DATA: 24/11/2021

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Karate

O karatê precisa de 4 habilidades físicas: agilidade, concentração, equilíbrio e profundidade no movimento. Karatê Kids é um dos estilos de karatê ensinados no Quartel 9. O karatê não é apenas uma luta, mas também deve ser usado para se defender, mas a gente tem que ter cuidado com os golpes para não machucar ninguém. Para virar um ótimo lutador de karatê, por 2 meses é um Karatê de 10 minutos.

E
D
U
C
A
RP
A
R
AM
U
D
A
R